

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Artes e Tecnologias da Escola Superior de Educação de Coimbra

Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Da Experiência Pedagógica ‘Em busca de Santo António’ e da Música no AEMF — Coimbra

Maike Alves Calvão

Coimbra, 2015

Maike Alves Calvão

**Da Experiência Pedagógica ‘Em busca de Santo António’
e da Música no AEMF — Coimbra**

Dissertação de Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico,
apresentada ao Departamento de Artes e Tecnologias da Escola Superior de
Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutor Carlos Humberto Nobre dos Santos Luiz

Arguente: Prof. Doutora Elisa Maria Maia Silva Lessa

Orientador: Prof. Doutora Maria do Amparo Carvas Monteiro

Data da realização da Prova Pública: 19 de fevereiro de 2016

Classificação: Excelente, 18 valores

2015

Agradecimentos

Aos meus pais, pelo carinho, compreensão, dedicação e apoio ao longo de todo este percurso académico.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria do Amparo Carvas Monteiro pelos conselhos preciosos e por me encorajar a investigar, pela persistência, disponibilidade, dedicação, exigência, partilha, afeto e amizade.

Ao Agrupamento de Escolas Martim de Freitas por me possibilitar a realização do estágio supervisionado, em particular às professoras cooperantes, Paula Rovira e Isabel Pais.

A todos os que contribuíram de forma direta ou indireta para que a realização deste trabalho se tornasse possível.

A todos, o meu muito obrigado!

Resumo

Subordinado ao título “Da Experiência Pedagógica ‘Em busca de Santo António’ e da Música no AEMF, Coimbra”, a primeira parte deste trabalho versa sobre o estudo de investigação integrado na Prática de Ensino Supervisionada, para a qual foi entendido realizar, não só para se conhecerem os contornos que levaram à sua denominação e demarcação, como sabermos do porquê de Santo António ser também ele o padroeiro não só da freguesia onde se localiza o AEMF, mas como este o integra no seu PE, através da simbiose música, arte, educação e o seu elemento mais especial, a criança. Foi, pois, neste contexto que se desenvolveu o estudo que serve de enquadramento contextual e teórico do trabalho.

A segunda parte, compreende um relato circunstanciado e crítico da Prática Pedagógica, de natureza curricular e profissional, para dar a conhecer todo o processo desenvolvido durante a unidade curricular de Prática Pedagógica no âmbito do Estágio, realizado no Agrupamento de Escolas Martim de Freitas, Coimbra, no ano letivo 2014/2015, através do protocolo celebrado entre esta instituição e a Escola Superior de Educação de Coimbra.

Palavra-chave: arte, ensino, marchas populares, música, Santo António.

Abstract

Under the title “Da Experiência Pedagógica ‘Em busca de Santo António’ e da Música no AEMF, Coimbra”, the first part of this work relates the study of integrated research in Practice of Supervised Education, to recognise the contours that led to its denomination and demarcation. Furthermore, it was also intended to know why - Saint Anthony - was the patron not only of the parish where AEMF is located, but also how this entity integrates in his PE, thought the symbiosis between music, art, education and its most special element, the children. In this context, the present study evolved as the contextual and theoretical framework of this work.

The second part covers a detailed and critic report of Pedagogical Practice, of curriculum and professional nature, to poster the whole process of the development during the course of Pedagogical Practice within the internship, accomplished in Agrupamento de Escolas Martim de Freitas, Coimbra (Portugal), during the academic year of 2014/2015, through the protocol held between this institution and Escola Superior de Educação de Coimbra.

Key words: art, education, popular marches, music, Saint Anthony.

Índice

INTRODUÇÃO	1
PARTE I	
A - ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL E TEÓRICO	5
1. Coimbra e a freguesia de Santo António dos Olivais	7
1.1. Breve resenha	7
2. Santo António (n. Lisboa, 1188-95? - m. Pádua, 1231)	9
2.1. Breve biografia	9
2.2. Do culto a Santo António	11
2.3. Santo António protetor das Crianças	12
2.4. Santo António: a música e artes/artes em Santo António	13
2.5. Santo António e as marchas populares de Lisboa	16
B - FUNDAMENTAÇÃO DA METODOLOGIA	19
1. Fundamentação	21
2. Desenho	21
2.1. Motivos para a escolha do tema de estudo	21
2.2. Intervenientes no estudo	22
2.3. Instrumentos de recolha de dados	22
PARTE II	
DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	23
1. Contexto Físico e Social	25
2. Caracterização da Comunidade Educativa	26
2.1. Agrupamento Martim de Freitas	26
2.2. Estrutura Organizacional do Agrupamento	28
2.3. Análise do Agrupamento	29
2.4. Projeto Educativo do AEMF	31
2.5. Plano Anual de Atividades de Educação Musical	32
3. Caracterização dos Recursos Físicos	33
3.1. Escola EB2/3 Martim de Freitas	33
3.2. Caracterização da Sala de Música	34
4. Recursos Humanos	35
4.1. Docentes	35

4.2. Pessoal não docente	35
4.3. Alunos.....	36
4.4. Alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE).....	36
4.4.1. Autismo	37
5. Caracterização das turmas de estágio	41
5.1. Caracterização da turma do 1º Ciclo relativamente 4ºB	41
5.2. Caracterização da turma do 5ºA do 2º CEB.....	43
5.3. Caracterização da turma do 3º CEB.....	45
6. Da Prática Pedagógica	48
6.1. Da Avaliação.....	49
6.2. Cronograma	51
6.3. Prática Pedagógica no 1º CEB	52
6.4. Prática Pedagógica do 2º CEB	59
6.5. Prática Pedagógica 3º CEB	66
6.6. Clube de Música	72
CONCLUSÃO	75
BIBLIOGRAFIA, WEBGRAFIA E LEGISLAÇÃO.....	81
ANEXOS	89
Anexo I – Arranjo “Canon” Johann Pachelbel.....	91
Anexo II – Partituras da Ópera Ligeira: Em busca de Santo António.....	94
Anexo III – Organizações Curriculares, Programas, Competências e Metas de Aprendizagem	100
Anexo IV – Grelha de Avaliação	103
Anexo V – Fotos da Apresentação Final.....	104
Anexo VI – Fotos com alunos do 3º Ciclo	105
Anexo VII – Índice de Anexos - DVD.....	106

Índice de Figuras

Figura 1 - Freguesias do Concelho de Coimbra.....	8
Figura 2 – Igreja de Santo António dos Olivais	8
Figura 3 – Sto. António de Lisboa	9
Figura 4 – Locais de passagem de Santo António na Europa e África	11
Figura 5 – Santo António e simbologias	15
Figura 6 – Localização do percurso realizado pelas marchas populares	16
Figura 7 – Marcha do Alto da Pina, vencedora em 2015.....	18
Figura 8 – Distrito de Coimbra	25
Figura 9 – Localização do Concelho.....	25
Figura 10 – Vista aérea da Escola	33
Figura 11 – Vista parcial da escola	33
Figura 12 – Musicograma da Marcha Turca	56
Figura 13 – Partitura rítmica da Marcha Turca de Mozart.....	57
Figura 14 – Orquestra do Pautas 1	58
Figura 15 – Partitura do tema “One Love”	58
Figura 16 – Alunos na apresentação final	59
Figura 17 – Partitura “As Quadras dos Manjericos”.....	65
Figura 18 – Alunos experienciam o acordeão.....	65
Figura 19 – Disposição dos instrumentos na sala	70
Figura 20 – Alunos com NEE	70
Figura 21 – Excerto do Cânone.....	71
Figura 22 – Coreografia elaborada pelos alunos do CM	73
Figura 23 – Alunos do CM experienciam a concertina.....	73

Índice de Quadros

Quadro 1 – Área de residência dos alunos do 1º Ciclo	41
Quadro 2 – Habilitações dos pais dos alunos do 1º Ciclo	42
Quadro 3 – Área de residência dos alunos do 2º Ciclo	44
Quadro 4 – Habilitações dos pais dos alunos do 2º Ciclo	44
Quadro 5 – Área de residência dos alunos do 3º Ciclo	45
Quadro 6 – Habilitações dos pais dos alunos do 3º Ciclo	46

Abreviaturas

Art.º - Artigo

Prof.ª. – Professora

Sto. – Santo

Vd. – *Ver* (veja)

AEC – Aulas de Enriquecimento Curricular

AEMF – Agrupamento de Escolas Martim de Freitas

APPACDM – Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental

CEI – Currículo Específico Individual

CM – Clube de Música

CML – Câmara Municipal de Lisboa

DVD – *Digital Versatile Disc*

EB1 – Escola Básico do 1 Ciclo

EM – Educação Musical

ESEC - Escola Superior de Educação de Coimbra

EU – União Europeia

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

MPL – Marchas Populares de Lisboa

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PAA – Plano Atual de Atividades

PAA – Projeto Anual de Atividades

PAPI – Plano de Acompanhamento Pedagógico Individual

PCA – Projeto Curricular do Agrupamento

PDF – *Portable Document Format*

PEA – Perturbações do Espectro do Autismo

PEE – Plano Educativo Escolar

PEI – Programa Educativo Individual

PES – Prática de Ensino Supervisionada

INTRODUÇÃO

Introdução

É, hoje, inquestionável a importância que a música e o seu ensino revestem para o crescimento harmonioso do ser humano. Esta arte e ciência têm múltiplas funções individuais e sociais, ocorre em diversos contextos e, entre outros contributos, aumenta conhecimentos e competências, promove a disciplina e a literacia e valoriza a escola e a comunidade. Educar é contribuir para o desenvolvimento harmonioso e integral do indivíduo, com vista à sua inserção no contexto social, pois a «educação deve ter por objetivo o desabrochamento da personalidade humana e o reforço do respeito dos direitos e das liberdades fundamentais» (Correia, 2014: p.60).

À capacidade de se expressar através da linguagem segue-se, no ser humano, a capacidade de se expressar musicalmente. Com efeito, a música está presente desde tenra idade e, para alguns autores, mesmo antes do nascimento. A aprendizagem e a prática da arte da música também é possível e mesmo desejável na criança, logo que o seu desenvolvimento o permita.

Apoiando a perspetiva de Platão, de que a arte deverá ser a base de toda a educação, é igualmente importante referir que a música é essencial à cultura do ser humano. De acordo com os ensinamentos de Zoltán Kodaly (1882-1967), grande metodólogo cuja obra se repercute na atualidade,

A música é uma parte indispensável da cultura humana universal. Aqueles que não a possuem têm um desenvolvimento intelectual imperfeito. Sem música não existe o homem completo. Por isso é absolutamente natural que se integre a música no curriculum escolar» (Z.Kodály, 1966, cit. por Torres 1998: p. 43).

Atendendo ao contexto escolar e urbano em que ocorreu a Prática de Ensino Supervisionada, não é demais lembrar que, como é do conhecimento comum, a religião e a arte são manifestações da cultura humana, que desde os primórdios fizeram parte do quotidiano. Com efeito, o estágio decorreu numa instituição escolar localizada na freguesia de Santo António dos Olivais, de Coimbra, cujo patrono é Santo António.

Na primeira parte do presente trabalho é apresentada uma fundamentação contextual e teórica sobre Coimbra e a freguesia de Santo António dos Olivais, entre

vários motivos, por esta ser a freguesia onde se localiza a instituição que acolheu o estagiário. A designação de Santo António dos Olivais leva-nos a associá-la à figura do santo, Santo António e este às crianças.

O âmbito do PE do Agrupamento de Escolas Martim de Freitas, que se situa naquela freguesia, favoreceu a escolha, conceção e desenvolvimento de uma experiência pedagógica em torno da ópera ligeira infantil denominada *Em busca de Santo António*, composta por Carlos Godinho e levada à cena pelos alunos das turmas do 2º CEB, com uma das quais o mestrando e autor deste trabalho realizou a sua PES (que desenvolveremos na parte segunda), no ano letivo 2014/2015.

Na mesma linha e não descurando a temática, apresentamos ainda uma breve súmula sobre, a arte em Santo António e o tema das marchas populares, que a este estão ligadas.

É também evidenciada a fundamentação metodológica utilizada, com referência ao desenho do trabalho em si mesmo, aos motivos de escolha do tema de estudo e aos seus intervenientes. Alude-se ainda aos instrumentos utilizados para a recolha de dados que são imprescindíveis para a concretização do trabalho. Tudo isto teve em vista a realização da prática de ensino supervisionada.

A segunda parte do presente trabalho procura descrever a PES, iniciando com a descrição do contexto físico e social e a caracterização da comunidade educativa, seguindo-se a caracterização dos recursos físicos e humanos, com destaque para o autismo, que predominava na turma de 3º Ciclo, composta na sua totalidade por alunos portadores de NEE. Seguem-se ainda neste capítulo a caracterização das turmas de estágio e a descrição da PES em turmas dos três ciclos do EB, bem como a atividade desenvolvida no designado Clube de Música.

O trabalho encerra assim com as referências bibliográficas, webgrafia, legislação e os anexos que serviram de suporte ao mesmo. Ao trabalho escrito foi anexado um DVD que contém a respetiva versão em PDF, bem como vídeos, fotografias e demais ficheiros que o completam, tudo realizado no decurso da Prática Pedagógica, mas claramente, na prática de ensino supervisionada.

PARTE I

A - ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL E TEÓRICO

1. Coimbra e a freguesia de Santo António dos Olivais

1.1. Breve resenha

A conquista definitiva de Coimbra pelo rei de Leão Fernando Magno, ocorreu em 1064. Sendo Coimbra capital de Portugal durante o mais importante período de formação do reino (1128-1248), é natural que nela tivessem lugar as grandes mudanças vividas ou se repercutissem de modo particular (Jorge, 2000: p.169). A fundação do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em 1131, constitui um dos primeiros marcos da vida eclesiástica na urbe, bem como aquele que viria a ser o centro cultural e influenciador do resto do país, tendo em D. Afonso Henriques o seu maior protetor (Carvas, 2012: p.60).

Em 1210 foi fundado no antigo burgo de Celas, o Real Mosteiro de Santa Maria de Vimarões da Ordem de S. Bernardo, pela infanta D. Sancha, filha do rei D. Sancho I. Em 1217-18, D. Urraca de Castela, mulher de D. Afonso II, doou a capelinha de Santo Antão aos frades franciscanos, tendo estes fundado nesta colina sobranceira à cidade de Coimbra o seu humilde eremitério¹, à volta da capelinha que, ainda atualmente, acolhe os defuntos para velório.

Santo António de Lisboa faleceu no ano de 1231 e, após a sua canonização, em 1232, o convento franciscano dos Olivais de Coimbra mudou a invocação de Santo Antão (ao qual era dedicada a pequena capela que naquele lugar antecedeu o mosteiro), para Santo António (Lemos, 2003: p.8).

O lugar dos Olivais foi desde cedo uma grande faixa do território de Coimbra, contando com 749 fogos que albergavam 3.000 habitantes, tendo a freguesia sido «*finalmente formalizada em 1854, por decreto de 25 de Novembro*» (Ibidem, p.10). Através dos *Censos* realizados em 2000, ficamos a saber que esta freguesia possui um terço dos habitantes residentes da cidade de Coimbra, sendo a mais populosa deste concelho (Lemos, 2003: p.10).

¹ O «eremitismo é, acima de tudo, penitência, religião de salvação: o eremita busca a sua salvação pessoal, ele milita também pela salvação dos outros» (Jorge, 2000: p. 221).



A freguesia de Santo António dos Olivais, fundada no séc. XIX, pertence ao concelho de Coimbra e integra, hoje, a respetiva área urbana. Nesta freguesia ocorrem desde tempos remotos festas e romarias, realizadas em diversas épocas do ano, destacando-se a romaria do Espírito Santo.

Figura 1 - Freguesias do Concelho de Coimbra

Desde muito cedo que os monges procuraram a zona dos Olivais para meditar, pois afirmavam ali encontrar a paz necessária à sua espiritualidade e refúgio. Apresentamos, seguidamente, a imagem da frontaria da Igreja de Santo António dos Olivais, reminiscência do antigo convento franciscano destruído por um incêndio em 1851. No local onde existira a cela de Santo António, foi erigida no princípio do séc. XX, uma capela em estilo neogótico com projeto de António Augusto Gonçalves (Borges, 1987: p.121).



Figura 2 – Igreja de Santo António dos Olivais

Erigida no cume de uma pequena colina, a igreja é antecedida por um pórtico e vasta escadaria, ladeada de capelas com os principais passos da Paixão de Cristo.

2. Santo António (n. Lisboa, 1188-95? - m. Pádua, 1231)

2.1. Breve biografia



Ao falarmos da freguesia de Santo António dos Olivais, em Coimbra, inevitavelmente é feita referência ao seu padroeiro, Santo António. Nascido em Lisboa no séc. XII — sem, no entanto, termos a certeza da data do seu nascimento, em território nacional —, provém de uma das mais nobres famílias portuguesas de então. Batizado com o nome de Fernando Martins de Bulhões, foi um dos mais celebrados Santos da Idade Média.

Figura 3 – Sto. António de Lisboa

A reputação de Sto. António de Lisboa como milagreiro e taumaturgo é multisecular. Era afamado não só pela sua santidade como pelos dotes de pregador. Foi já no século XX, com o Papa Pio XII que Santo António foi consagrado Protetor de Portugal (1934), a par com Nossa Senhora de Conceição, e Doutor da Igreja (1946), reconhecendo-lhe valor enquanto teólogo e pregador (Santos, 2014: p.137).

Como dissemos, não existe uma data consensual para o seu nascimento, mas várias, conforme é referido por diferentes autores.

Joel Serrão (1975:I-p.159), refere o ano do nascimento de Sto. António em possivelmente 1190. Informa ainda que no batismo recebeu o nome de Fernando.

Em janeiro de 1981, após a sua exumação, especialistas de vários setores científicos que estudaram os restos mortais do Santo, confirmaram que o ano do seu nascimento terá sido 1191 (Lemos, 2003: p.15). No entanto, outros autores apontam o ano de 1195. Terá nascido, pois, entre 1188 e 1191, embora a tradição lhe fixasse como data de nascimento o dia 15 de agosto de 1195 (Santos, 2014: p.37).

Filho de Maria Teresa de Taveiro e de Martinho de Bulhões, família abastada e com influência na cidade de Lisboa, nasceu segundo a tradição, num solar mandado construir por seus pais, situado em frente à Sé de Lisboa, e faleceu em Pádua em 1231.

Batizado após o “oitavo dia do seu nascimento”, a sua vida está ligada à Sé, dedicada a Santa Maria da Assunção. Foi também na escola da Catedral de Lisboa — templo edificado no início do século XII a partir de uma mesquita pré-existente —, que recebeu as primeiras letras e nela foi menino de coro.² Ingressou na Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, no Convento de S. Vicente de Fora, em Lisboa, em 1210, onde esteve durante dois anos. Deslocou-se depois para o Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra, onde permaneceu «cerca de oito a nove anos, permitindo-lhe dedicar-se ao estudo, oração e reflexão como era a sua vontade» (Ganho, 2007: p.7). O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, no início do séc. XIII, era considerado um dos mais prestigiados centros de cultura monástica, equiparando-se em prestígio a outros centros europeus, como o caso da Escola de Paris.

Em 1220 (entre abril e agosto), «ingressa na Ordem dos Frades Menores, em Santo Antão dos Olivais, em Coimbra», partindo ainda nesse ano para Marrocos, onde adoeceu e, «por motivos de doença, regressa a Lisboa, mas uma forte tempestade, encaminha o barco para as costas da Sicília» (Santos, 2014: p.37).

Durante vários anos, Santo António viveu e trabalhou em Itália, onde ensinou teologia e se celebrou como pregador e milagreiro, vindo a falecer no dia 13 de junho de 1231, em Arcella, sendo sepultado no dia 17, em Santa Maria de Pádua, como desejava, e trasladado para outro local posteriormente. Foi canonizado em 30 de maio de 1232, dia do Espírito Santo, em Spoleto,

quando o Papa Gregório IX inscreveu Santo António no Catálogo dos Santos, entoando-lhe o Te Deum e a Antífona dos Doutores da Igreja. O Papa fixou ainda a sua festa no dia 13 de junho, o que permitiu que poucos dias depois, aquando do primeiro aniversário da sua morte, em vez de um ofício fúnebre se celebrasse já uma festa em sua honra, em Pádua (Santos, 2014: p. 46).

² Segundo José Alegria (1985: p. 68), pelo «mais antigo texto completo dos sete sínodos medievais da diocese de Lisboa, aproximadamente de 1240, aprendemos que o Cabido tinha a sua vida normal: *statuimus ut canonici ecclesie cathedralis*, como ler e o cantar eram um facto». Só são estabelecidas regras disciplinares, onde exista um critério de aprendizagem adequada aos propósitos pela Igreja e «com o ler e cantar acrescidos das noções essenciais de catecismo, podia-se entrar na clerezia e concorrer a qualquer benefício da igreja catedral ou colegiada» (p. 21).

Apresentamos, seguidamente, uma imagem cartográfica, através da qual, apesar de atual, pretendemos pôr em evidência os locais para onde este santo se deslocou, viveu e se deu aos outros, na Europa e no Norte de África.



Figura 4 –  Locais de passagem de Santo António na Europa e África

2.2. Do culto a Santo António

Pádua constituiu-se desde cedo um foco irradiador do culto religioso a Santo António, difundindo-o rapidamente a Lisboa, cidade natal do santo, bem como ao sul de França e a Espanha. No seio da Ordem Franciscana e com o apoio da monarquia, a difusão do culto alastra-se, a partir do século XV, por toda a Europa cristã, províncias portuguesas, de aquém e além-mar, pela ação da missão (franciscana, em particular) e da imprensa. Com efeito, ainda hoje, podemos encontrar centros de devoção a Santo António em diferentes partes do mundo, através da iconografia, por exemplo, o que, só por si, são evidências do seu culto.

Isabel Vaz dos Santos (2014: p.47), diz-nos serem conhecidos na Europa, grandes núcleos de devoção ao santo: «em Inglaterra, Holanda, Bélgica, Suíça, Luxemburgo, Áustria, Alemanha, Bósnia e Croácia». No continente africano «em Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné», bem como no continente asiático «em Singapura, Jerusalém, Goa e Macau», e ainda na América Latina, com destaque para o Brasil.

Em Portugal, a edificação de locais de culto em honra de Santo António foi-se multiplicando por todo o território, desde pequenas ermidas a imponentes edificações. O *Século de Ouro* espanhol dignificou o culto antoniano, sobretudo no período da unificação das coroas portuguesa e espanhola.

Foi no reinado de D. João V que o culto antoniano atingiu maior esplendor, manifestado não só na construção da Basílica de Mafra, “*a mais monumental, no mundo, de todas as edificações em louvor de Santo António*”, juntamente com o Palácio e o Convento, em agradecimento pelo nascimento de um herdeiro para o trono de Portugal, bem como na Real Casa de Santo António, «remodelada e enriquecida em 1728 e onde se celebravam anualmente 31.800 missas, ultrapassando a própria Sé como centro de devoção lisboeta», onde se «instituiu, em 1730, uma Colegiada com capela musical» (Santos, 2014: p.52-53). Em honra do Santo existem diversas composições sacras atribuídas a grandes mestres dos séculos XVIII e XIX, tais como Leal Moreira, Joaquim Casimiro e Marcos Portugal.

Como vimos, a devoção popular a Santo António está enraizada no nosso país há séculos. A partir da década de 30 do século XX (1932), pelo Centenário da Canonização de Santo António, os «festejos foram enriquecidos com o concurso de marchas populares» e, em 1934, estas foram incluídas no programa das festas de Lisboa, até à atualidade (embora com algumas alterações).

O dia de maior festejos em homenagem a Santo António é o dia 13 de junho tendo, em 1953, sido decretado feriado em Lisboa, através do Despacho do Governo nº 119 de 6 de junho, sendo o dia da cidade.

Nos anos 80 do mesmo século, um elemento novo foi integrado nos festejos antonianos: o desfile da marcha infantil, como estratégia de revitalização de uma tradição nacional (Santos, 2014: p.134).

2.3. Santo António protetor das Crianças

A ligação do santo às crianças sempre foi forte e conhecida. O seu poder protetor junto das crianças é referenciado por diversos autores nacionais e estrangeiros.

No século XVIII e na sequência do terramoto de Lisboa de 1755, a imagem e a devoção a Santo António foram reforçadas. Surgiram vários testemunhos de milagres que terá realizado para salvar devotos, principalmente crianças e jovens, como é atestado na obra *Verdadeira noticia de hum famoso caso succedido na Rua dos Canos desta cidade, ou relação de huma mercê que o inclito Santo Antonio fez a huma sua devota, livrando-a, como piamente se crê, de hum perigo inevitavel, que certamente lhe succederia a lhe não valer a protecção deste Santo Portuguez* (1757).

Em 1995, o Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação, no âmbito do programa das *Comemorações do VIII Centenário do Nascimento de Santo António*, lançou uma coletânea de textos para servir de instrumento de apoio ao Concurso Escolar “Prémio de Santo António”, implementado em toda a rede escolar nacional, em diversas modalidades, com o intuito de preservar tradições relacionadas com Santo António junto dos mais jovens.

Na mesma linha, para transmissão de valores culturais às crianças e adolescentes e também como um espaço de sociabilização e de entretenimento, o Agrupamento de Escolas Martim de Freitas, através do seu Projecto Educativo, permitiu que a Professora de Educação Musical e Professora Cooperante da Escola Superior de Educação de Coimbra, Paula Rovira, pudesse com todas as turmas do 2º CEB que lhe foram atribuídas, trabalhar a “Ópera Ligeira: Em busca de Santo António”, de José Carlos Godinho. Neste contexto, o estagiário, os alunos que constituem as turmas referidas, bem como a docente realizaram este projeto que, no final do ano letivo, foi apresentado publicamente, no Auditório do Conservatório de Música de Coimbra.

2.4. Santo António: a música e artes/artes em Santo António

O PE do Agrupamento de Escolas Martim de Freitas (AEMF), através da cooperação de docentes de várias artes, impulsionado pelos responsáveis das estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica, harmoniza procedimentos conducentes à promoção do sucesso escolar dos seus educandos.

Neste contexto foi dado relevo particular à arte e à música relacionada com Santo António. Nesta linha, no ano letivo 2014/2015, o Agrupamento presta-lhe homenagem através da música, das artes plásticas e da poesia.

A arte é, por definição, um processo livre e libertador, gerador de estímulos à criatividade individual e coletiva.

As artes podem representar a simbiose entre a melhoria da performance e a resolução de problemas do quotidiano e ajudar a preparar os seus praticantes (neste caso também os alunos), não só para a vida educativa e profissional, como para uma melhor cidadania na vida pública. Assim, a componente artística na educação permite aprender de forma lúdica, para além dos padrões convencionais existentes.

Disponibilizar, desde a infância, às nossas crianças e jovens, o conhecimento artístico é um ato de nobreza e uma aposta num futuro promissor. É um instrumento para reforçar a sua importância e defender o seu valor na sociedade.

Como vimos, durante séculos as artes e nestas a música, desempenharam sempre um papel fundamental na educação do indivíduo. A educação também começou por ser informal/comunitária, pois as crianças aprendiam através da interação com os adultos, sobretudo com a família.

Além de domínios musicais específicos, a música envolve domínios extramusicais, multi e transdisciplinares e está presente em quase todos os ambientes na sociedade, com múltiplas funções. Em termos extramusicais como a motivação, os estados de ânimo, a afetividade, a socialização, entre outros, torna-se relevante a sua existência num contexto educativo que englobe a multiculturalidade e mesmo os meios virtuais.

A arte portuguesa (e a arte espanhola, entre outras), erudita e popular, têm representado a figura de Santo António das mais variadas formas. Santo António tem inspirado muitos trabalhos de artistas conceituados e de desconhecidos.

Da iconografia antoniana portuguesa conhece-se sobretudo a dos mestres da Lourinhã. O santo é representado segurando um livro com uma mão e o Menino Jesus com a outra. Outras vezes a representação é feita com a flor-de-lis, o cruxifixo colorido, os peixes a escutarem os seus sermões, etc. O culto a Santo António, embora ligado a Pádua, está também expresso na basílica erigida em Lisboa.



Figura 5 – Santo António e simbologias

Desde os tempos mais remotos, a música «serve a humanidade para esta se expressar e comunicar. Na criança exerce um forte impacto que se converte numa fonte de energia, atividade e alegria» (Carvas, 2014: p.186) e a «integração da música na educação da criança proporciona-lhe um enriquecimento a nível das experiências, contribuindo para o estabelecer das estruturas mentais fundamentais» (Nogueira, 2014: p.278). É evidente, pois, que ao falar-se na música enquanto fator social integrador e multicultural, se saliente o papel da Educação Artística, ao gerar «uma série de competências e de aptidões transversais e ao fomentar a motivação dos estudantes e a participação ativa na aula» (Nogueira, 2014: p.278-279), melhorando a qualidade da educação e contribuindo para um dos seis objetivos da Educação Para Todos (EPT) da Conferência de Dacar sobre a Educação para Todos (2000).

A aprendizagem musical das crianças é determinada, como defende Hargreaves (2001), pelo contexto social e cultural e, também por isso, deve entender-se o valor de um património cultural identitário de uma região ou de um país, que cria ou pretende criar espaço de pensamento, de vivências através da arte, como se pretende com a atividade instrutivo-formativa a realizar nesta PES, adequando os conteúdos a lecionar e oferecê-los à comunidade educativa e à comunidade em geral, através de apresentações públicas.

Dinamizar atividades com caráter cultural e pedagógico, articular saberes artísticos e outros, ajuda a aprender e a crescer de forma motivada.

2.5. Santo António e as marchas populares de Lisboa

Como já referimos, a figura de Santo António ocupa desde tempos remotos um lugar particular no espaço cultural ibérico, constituindo um caso particularmente interessante de formação e evolução de um ícone histórico-religioso que persiste na memória coletiva. Na verdade, a arte, sob todas as formas de expressão, tem dedicado a este santo uma atenção especial, reproduzindo-o incessantemente desde o século XIII até aos dias de hoje. Mas não cabe neste trabalho falarmos detalhadamente deste assunto que, só por si, seria um outro labor. Queremos dizer que, através de uma diversidade de formas, o culto antoniano, já imbuído de múltiplas influências tem mostrado a transformação deste franciscano erudito e pregador em santo taumaturgo, casamenteiro e folgazão.

A tradição popular e as festividades realizadas na capital portuguesa têm contribuído para perpetuar a faceta mais folgazã do santo, através das designadas «marchas dos bairros populares», iniciadas em junho de 1932, sob o impulso do então diretor da revista *Notícias Ilustrado*, Leitão de Barros (Cordeiro, 2010: p.741). As marchas populares de Lisboa são um desfile³ organizado que ocorre nesta cidade, na véspera do dia consagrado ao santo (12 de junho) e, onde os grupos de marchantes, em representação dos seus bairros, cantam e dançam ao longo de um trajeto que percorre a Avenida da Liberdade até à Praça dos Restauradores.



Figura 6 – Localização do percurso realizado pelas marchas populares (vista aérea)

³ No início dos anos 90, o desfile da noite de 12 de junho passou a ser transmitido em direto pela televisão portuguesa.

Estas marchas foram inspiradas numa antiga tradição da cidade de Lisboa, na qual nas noites de Sto. António, grupos de habitantes desfilavam pelas ruas, largos e mercados da cidade, iluminando-a com as suas tochas e balões. A alegria acompanhada de ruidosas «ranchadas», era a prova do contentamento e da boa disposição por parte dos habitantes da cidade. O novo concurso de marchas, integrado nas Festas da Cidade, é considerado uma recriação folclorizada de práticas festivas pré-existentes que com ligeiras alterações, permaneceu ao longo do séc. XX. Tendo «saído» ao longo de 16 anos até 1970, e após uma década de interrupção, as marchas voltaram a surgir em força em 1981 (Cordeiro, 2010: p.741).

A partir de 1935, passou a ser uma iniciativa da edilidade que, desde logo, regulamentou e financiou este espetáculo. As marchas são realizadas por associações dos diferentes bairros de Lisboa que de forma amadora ou profissional realizam todo o trabalho para que as marchas se concretizem. Procede-se à escolha da temática relacionada com a vida do bairro e com o imaginário de Lisboa, ao recrutamento de marchantes, à definição da coreografia, desenho dos fatos e sua confeção, fabricação dos arcos e adereços, convite das mascotes (normalmente um par de crianças), dos padrinhos (ligados ao mundo do espetáculo, nomeadamente, cantores, atores de teatro e revista), e à escolha de marchas antigas de sucesso que fazem parte da memória coletiva, bem como, encomenda de novas peças musicais. Tudo isto é um trabalho que compete às associações responsáveis de cada bairro.

Apesar de continuarem a existir autores e compositores locais de letras e músicas, entre os anos de 1935 e 1970, destacam-se as letras da autoria de Frederico de Brito, Silva Nunes e Norberto Araújo, e as músicas de Raul Ferrão e Jorge D'Ávila (Cordeiro, 2010: p.742). Compete também às associações dos bairros a contratação do ensaiador e a gestão dos fundos relativos à marcha. Ao ensaiador podem ser-lhe atribuídas as tarefas de seleção e contacto com os elementos que integrarão a marcha, a escolha do compositor, escolha do letrista e do diretor do cavaleiro⁴ (Félix, 2010: p.742).

O ensaiador pode acumular tarefas de compositor, ensaiador, coreógrafo ou aderecista. A sua responsabilidade compreende um período que pode variar dos três

⁴ Pequeno conjunto onde se destacam os instrumentos de sopro e de percussão.

meses a um ano. No caso de o número de inscrições de marchantes nas coletividades para a participação nas marchas ser elevado, é feita uma seleção, onde apenas os melhores elementos poderão participar. São, por vezes os laços de parentesco, amizade, residência, etc. que fazem os intervenientes estarem ligados à marcha de um determinado bairro, pois não é obrigatório integrarem sempre a marcha do mesmo bairro. A CML atribui à coletividade do bairro um subsídio para que esta possa fazer face às despesas associadas. À exceção dos participantes, normalmente, todos os outros intervenientes são pagos (músicos, autores de letra, compositores, ensaiadores, coreógrafos) a não ser que exista algum vínculo afetivo ao bairro ou aos elementos integrantes. No que diz respeito à composição da música, o compositor faz um esboço da melodia para duas ou três quadras e refrão que apresenta ao autor da letra, que tem como função a escrita do texto definitivo sobre a temática da marcha. Concluída a letra, o compositor compõe a música na sua forma final, que é transcrita e distribuída pelos músicos, podendo então ser dado o início aos ensaios (Félix, 2010: p.743). Informa-nos ainda este autor que cada bairro deve apresentar um total de 4 marchas: «uma fixa (a Grande Marcha de Lisboa, anualmente composta por um compositor escolhido pela CML de entre as candidaturas voluntárias) e três marchas originais, ou outros géneros musicais como o fado ou o vira [...] ou ainda as marchas já apresentadas em outros anos» (p.743).

Apresentamos, abaixo, uma imagem da marcha vencedora do ano de 2015.



Figura 7 – Marcha do Alto da Pina, vencedora em 2015

B - FUNDAMENTAÇÃO DA METODOLOGIA

1. Fundamentação

A realização do presente relatório de estágio profissionalizante e da parte investigativa que o integra, pressupõe alargar as fronteiras do conhecimento existente. Uma vez definido, delimitado o problema eleito como questão central e tendo por base a ideia que norteará a investigação referida, houve que selecionar a metodologia a adoptar, entendendo esta como o conjunto de princípios e regras subjacentes a uma estrutura do pensamento.

A revisão da bibliografia é indispensável, por forma a dar-se um contributo de originalidade. Neste sentido, cabe referir que assentámos o nosso trabalho em fontes de informação, tais como, artigos publicados em revistas da especialidade, verbetes de enciclopédias da especialidade, livros, dissertações de mestrado e teses de doutoramento, relatórios de atividades, trabalhos de divulgação publicados, para além de legislação referente ao ensino da música em Portugal e no caso específico da Educação Musical no Ensino Básico.

2. Desenho

Definida a temática e os objetivos passou-se para a aplicação dos mesmos. A Prática Pedagógica decorreu no AEMF, no âmbito do 1º, 2º 3º ciclos do ensino básico. As aulas do estágio incidiram em três turmas de forma participativa e colaborativa, prática, crítica e auto-avaliativa, atendendo aos pressupostos e objetivos.

2.1. Motivos para a escolha do tema de estudo

As temáticas apresentadas e trabalhadas durante o ano letivo 2014/2015, já estavam aprovadas pelo AEMF, fazendo parte do seu PE. Fator de interesse do estagiário pela temática é a sua ligação à música popular e tradicional através da sua integração em associações existentes na zona geográfica da sua residência, bem como a sua participação na organização das marchas populares (em especial as Marchas de S. João), nesta região de Trás-os-Montes e Alto Douro.

2.2. Intervenientes no estudo

Neste estudo os intervenientes são os alunos das turmas dos 4º B e 5º A do Ensino Básico, bem como de uma turma do 3º ciclo de escolaridade (esta totalmente constituída por alunos com NEE), e ainda alunos do Clube de Música.

Durante todo o processo de estágio, várias sessões de trabalho foram realizadas entre o mestrando e a orientadora da ESEC, bem como com o diretor do Agrupamento (desde logo para a elaboração do horário de estágio nos três ciclos), as professoras cooperantes e também com a docente de ensino especial e auxiliares de ação educativa do AEMF.

2.3. Instrumentos de recolha de dados

Para a recolha de dados foi utilizada nos diferentes ciclos a observação direta, bem como, os registos áudio, vídeo e fotos.

Os registos áudio e vídeo foram realizados ao longo de todo o estágio, para que os alunos tivessem a noção da evolução nas suas aprendizagens e desta forma repensar e mesmo melhorar estratégias usadas nas atividades que foram desenvolvidas pelo estagiário com os alunos, ao longo do estágio.

Os registos podem ser consultados no DVD, em anexo a este trabalho, onde se encontram organizados por pastas, por ciclo de escolaridade e com a indicação da data da sua realização.

PARTE II

DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

1. Contexto Físico e Social

A prática pedagógica supervisionada decorreu no Agrupamento de Escolas Martim de Freitas (AEMF), em Coimbra, localizado na freguesia de Santo António dos Olivais. A escolha deste agrupamento para realização da PES adveio não só pelo facto da existência de um protocolo firmado há vários anos entre a Escola Superior de Educação de Coimbra e o AEMF, como também pela possibilidade de numa única instituição ser exequível realizar a PES nos três ciclos (1º, 2º, 3º CEB) e também trabalhar no Clube de Música (com atividades extracurriculares), sem necessidade de deslocações para outras escolas ou agrupamentos. Não sendo o mestrando residente em Coimbra, mas de Vila Pouca de Aguiar, Vila Real, o mesmo preferiu estagiar na cidade de Coimbra devido aos factos acima referidos, pois tal possibilidade não era possível na sua residência oficial.



Figura 9 – Localização do Concelho de Coimbra



Figura 8 – Distrito de Coimbra

2. Caracterização da Comunidade Educativa

2.1. Agrupamento Martim de Freitas

A Escola Martim de Freitas foi criada em 1973 com a designação de Escola Preparatória Martim de Freitas, tendo sido instalada em pavilhões pré-fabricados, em terrenos localizados junto da Avenida Calouste Gulbenkian. Mais tarde, ocorreu a mudança para as instalações onde se encontra atualmente.

Designado como Agrupamento de Escolas Martim de Freitas é constituído por escolas do 2º e 3º ciclos, cinco escolas do 1º ciclo e dois jardins-de-infância.

As escolas estão localizadas na área de 3 freguesias na cidade de Coimbra. Todas as escolas do 1º ciclo funcionam em regime normal e oferecem 5 horas de atividades de enriquecimento curricular (AEC), componente de apoio à família (CAF) e serviço de refeições. As AEC são promovidas pela Câmara Municipal de Coimbra e executadas pela Cáritas Diocesana de Coimbra, CASPAE e Fundação Beatriz Santos. No âmbito do despacho conjunto do Ministério da Educação e da Justiça, este agrupamento é também responsável pela colocação e acompanhamento pedagógico do corpo docente no Centro Educativo dos Olivais. Também são os docentes do 2º e 3º ciclos que garantem o apoio aos jovens internados no Hospital Pediátrico de Coimbra.

Desde há três anos, que funciona na escola sede, o curso de Português para alunos adultos estrangeiros.

No passado ano letivo, o Agrupamento acolheu 143 crianças na educação pré-escolar, 602 no primeiro ciclo, 373 no segundo e 416 no terceiro, num total de 1534 alunos nos três ciclos de escolaridade.

Do total dos alunos, 27 % recebeu apoio da Ação Social Escolar.

O Agrupamento tem vindo a dar particular atenção aos alunos com NEE, de carácter prolongado e que constituem cerca de 5% de toda a população escolar.

A Escola Sede do Agrupamento e a EB1 de Coselhas possuem Unidades de Ensino Estruturado que apoiam alunos com o espectro do autismo.

Ao longo do último triénio, o número de alunos e de turmas do 1º e 2º ciclos tem-se mantido relativamente estável. No 3º ciclo, o número de turmas tem vindo a reduzir progressivamente, devido ao facto de algumas turmas do 7º ano terem sido transferidas para a Escola Secundária José Falcão, na mesma cidade, e também ao aumento do número de alunos por turma, o que é pedagogicamente prejudicial.

Atualmente, encontram-se matriculados nas escolas do Agrupamento alunos de dezassete nacionalidades, destacando-se os países de expressão de Língua Portuguesa (PALOP's), com 52 alunos. De referir o empenho e o dinamismo que a maioria dos docentes tem revelado, quer no que diz respeito ao desempenho da sua função, enquanto orientadores do processo de ensino-aprendizagem, quer como mobilizadores de dinâmicas que vão para além deste aspeto e que se prendem com a formação integral do aluno concretizando-se no incentivo e participação em concursos internos e externos, em clubes, projetos e diversas ações formativas.

2.2. Estrutura Organizacional do Agrupamento

A estrutura organizativa do AEMF é a que se apresenta na tabela que segue.

Órgão/ Estrutura de orientação educativa	Constituição
Conselho Geral	É composto por 21 elementos: 7 representantes do corpo docente (um da Educação Pré-escolar, dois do 1º Ciclo, Dois do 2º Ciclo e dois do 3º Ciclo); 2 representantes do pessoal não docente; 6 representantes dos Encarregados de Educação; 3 representantes da comunidade local (designadamente de instituições e atividades de carácter cultural, social, científico e económico). Deve referir-se que a Diretora participa nas reuniões do Conselho Geral, sem direito a voto.
Direção	Diretor: Alberto Barreira; Subdiretora: Cecília Simões; Diretora Adjunta: Fátima Félix; Diretor Adjunto: João Nuno Eufrásio; Assessor: Hélder Azenha; Assessora: Ana Luísa Boavida; Assessora: Paula Vilaça.
Conselho pedagógico	Diretora; 6 coordenadores dos Departamentos Curriculares (Departamento de Educação Pré-escolar, Departamento do 1º Ciclo, Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Matemática e Ciências Experimentais, Departamento de Línguas e Departamento de Expressões); 2 coordenadores (um coordenador dos professores titulares de turma do 1º Ciclo e um coordenador dos diretores de turma dos 2º e 3º Ciclos); 1 representante dos SPO; 1 coordenador da Biblioteca.
Conselho Administrativo	Diretora; Subdiretor; Coordenador Técnico.
Departamentos Curriculares	Departamento de Línguas; Departamento de Matemática e Ciências Experimentais; Departamento de Ciências Humanas e Sociais; Departamento das Expressões; Departamento de Educação Pré-Escolar; Departamento do 1º Ciclo.
Conselhos de Diretores de Turma	Diretores de turma do 2º ciclo; Diretores de turma do 3º ciclo.
Conselho de Titulares	Titulares das turmas do 1º ciclo.
Conselhos de Turma	Professores das turmas dos 2º e 3º ciclos; Delegado de turma, 2 representantes dos Pais e Encarregados de Educação.
Conselhos de Delegados de Turma	Delegados de turma do 2º ciclo; Delegados de turma do 3º ciclo.
Assessoria da Direção	Paula Vilaça / Hélder Azenha .
Coordenadores no Pré-escolar	Um no Jardim de Infância (JI) dos Olivais; No JI, Montes Claros o coordenador é o do Centro Escolar.
Coordenadores no 1º Ciclo	Um por estabelecimento de ensino, com exceção da EB1 da Conchada.
Serviços de Psicologia e Orientação	Psicóloga (Rosa Maria Carreira da Conceição).

2.3. Análise do Agrupamento

Segundo a análise do agrupamento de escolas baseada no presente Projeto Educativo de 2013/2016, consideram-se pontos fortes do AEMF:

- Resultados obtidos nos testes intermédios superiores às médias nacionais;
- Resultados obtidos nas provas de Exame Nacional do 4º, 6º e 9ºanos superiores às médias nacionais;
- Resultados académicos alcançados nas provas de avaliação externa em todos os ciclos, que superam os correspondentes valores nacionais;
- Trabalho cooperativo dos docentes, impulsionado pelos responsáveis das estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica, com impacto na harmonização de procedimentos e na promoção do sucesso escolar;
- Resposta proporcionada pelos alunos com necessidades educativas especiais e a articulação entre os técnicos (internos e externos) que os apoiam, facilitadores da sua integração;
- Obtenção de prémios em concursos externos (Matemática, Físico-Química, Desporto Escolar e Português);
- Liderança da direção, influente na motivação e na responsabilização dos professores para resolução dos problemas e a melhoria progressiva da organização;
- Valorização das atividades de enriquecimento curricular, expressa particularmente na dinâmica de alguns clubes, que contribui para aumentar os níveis de mobilização e motivação dos alunos;
- Abandono escolar, no Agrupamento, inferior a 0.1%, ou inexistente;
- Adesão dos alunos às atividades e projetos, sendo uma componente importante na sua aprendizagem e formação global;
- Trabalho articulado dos docentes de Educação Especial, Psicóloga, Diretores de Turma, Coordenadores dos Diretores de Turma, docentes

Titulares de Turma e de Disciplina no diagnóstico, referenciação, avaliação e definição de medidas a aplicar;

- Satisfação da maioria do pessoal docente e não docente com o clima global de escola;
- Informação disponível aos Encarregados de Educação estruturada e sempre atualizada na página da escola;
- Estabelecimento de parcerias e protocolos com diversas instituições e entidades com impacto na valorização das aprendizagens;
- Trabalho cooperativo entre os docentes dos vários grupos e departamentos, Coordenadores e Subcoordenadores.

Seguindo a linha de ideias do ponto anterior, apresentamos agora os pontos fracos do AEMF:

- Conhecimento insuficiente sobre a organização e funcionamento das escolas por parte de um número significativos de pais e Encarregados de Educação;
- Insuficiente formação dos assistentes operacionais na área do desenvolvimento pessoal, social e profissional;
- Alguma desvalorização das hierarquias intermédias na resolução de problemas;
- Implementação dos critérios comuns de atuação ainda não totalmente conseguida;
- Reduzida eficácia do apoio ao estudo e aulas de apoio;
- Algumas dificuldades no controle das entradas e saídas, considerando o elevando número de alunos na escola sede.

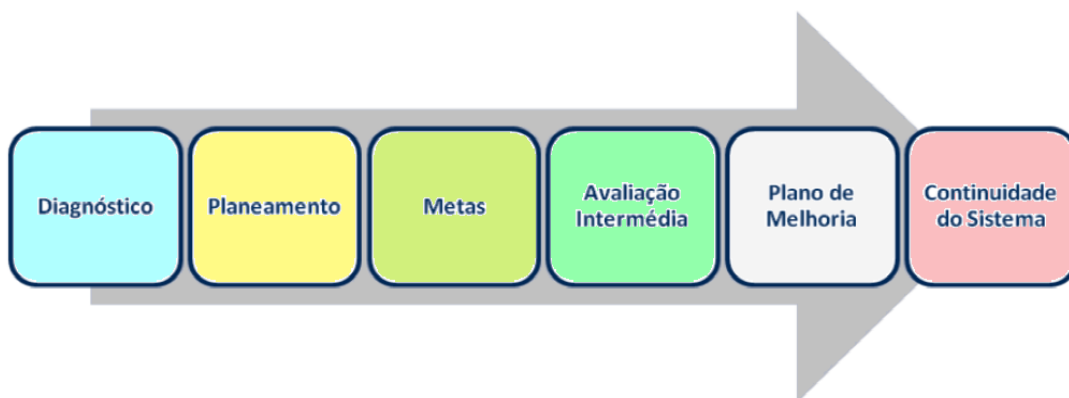
2.4. Projeto Educativo do AEMF

O PE do AEMF tem como missão prestar à comunidade um serviço educativo de grande qualidade, respondendo de forma eficaz às necessidades, tendo em conta o carácter da dinâmica da Escola e promoção de uma atitude positiva e cooperante.

O AEMF tem como principais objetivos estimular a criação de valores de aceitação de diferença, da tolerância, da solidariedade e entreajuda; incentivar o rigor, exigência e valorização do trabalho realizado; otimizar a reflexão, partilha e corresponsabilização numa perspetiva pluralista; promover a cidadania responsável, a solidariedade e o respeito, potenciando as capacidades de cada um e fomentar o sucesso escolar e profissional de todos.

Tendo em conta o contexto educativo, o AEMF orienta o PE por três prioridades:

1. Organização para o sucesso;
2. Formar para a cidadania;
3. Envolver e corresponsabilizar.



Podem obter-se mais informações, no documento online existente no site do Agrupamento de Escolas Martim de Freitas, relativo ao Projeto Educativo 2013/2016 Disponível ainda em:

http://www.agrupamentomartimdefreitas.com/downloads/DOCUMENTOS/Projeto_Educativo1316.pdf

2.5. Plano Anual de Atividades de Educação Musical

De seguida apresentamos uma tabela onde constam as calendarizações, bem como os objetivos e atividades propostas pela área de Educação Musical para o ano letivo 2014/2015.

Nome	Objetivos	Atividades	Calendarização
Dia Mundial da Música	Propiciar situações que conduzam ao alargamento de conhecimentos relativos à música; Desenvolver o gosto pela música; Desenvolver a acuidade auditiva; Sensibilizar e desenvolver o gosto pela música.	Visionamento de filmes sobre várias temáticas musicais e/ou de algumas das atividades desenvolvidas pelo grupo disciplinar nos anos anteriores.	29/09 a 3/10
Natal Musical	Participar em atividades relacionadas com a Época Festiva; Integrar alguns alunos com NEE em espetáculos; Realizar apresentações musicais.	Interpretação de Músicas/Canções do Cancioneiro; Apresentação e Convívio.	Última semana letiva de dezembro
“Viver a Música”	Ouvir e sensibilizar para vários tipos de música; Interpretar vários tipos de música (individualmente ou em grupo); Educar para a música em ligação com outras artes através de filmes e documentários; Promover o intercâmbio e o conhecimento musical através da apresentação/participação de outros grupos musicais.	Apresentação de instrumentos e/ou grupos musicais; Visionamento de filmes; Interpretação de repertório vocal/instrumental; Assistir a eventos musicais; Workshops temáticos.	Última semana letiva de março
“Assim se canta na Martim III”	Partilhar conhecimentos e competências adquiridas interagir com comunidade escolar; Produzir um evento musical.	Preparação, produção/organização e realização de um evento musical.	Junho

3. Caracterização dos Recursos Físicos

3.1. Escola EB2/3 Martim de Freitas

A escola situa-se numa zona central da cidade de Coimbra sendo que na sua área geográfica podemos encontrar os Hospitais da Universidade de Coimbra, o Instituto Português de Oncologia, o Hospital Pediátrico, a Maternidade Bissaya Barreto, o Centro de Saúde de Celas, o Instituto Superior Miguel Torga, a Faculdade de Economia, a Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, a Biblioteca Municipal, as Piscinas de Celas, a Casa Municipal da Cultura, o Instituto Português da Juventude, várias instituições bancárias e instituições sociais, vários centros comerciais e outros estabelecimentos de serviço público e privado.

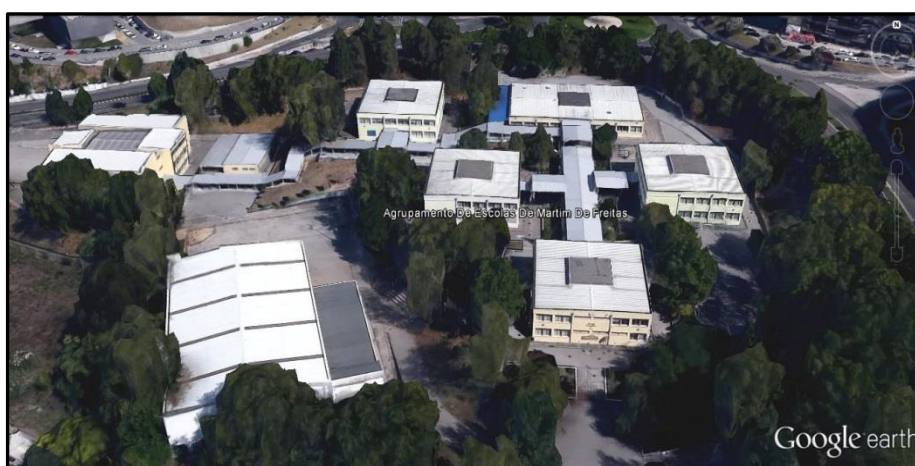


Figura 10 – Vista aérea da Escola



Figura 11 – Vista parcial da escola

A escola é composta por 6 (seis) blocos de edifícios, um anexo e um pavilhão gimnodesportivo (Figura 10). Com exceção do bloco R, todos os outros funcionam com atividades letivas. No Bloco A, existe um Gabinete de Apoio Informático e de um Gabinete de Apoio a alunos com NEE. No Bloco C funcionam o Conselho Executivo, os Serviços Administrativos, o Centro de Formação Coimbra Norte, a Sala de Estudo, a Biblioteca, o Gabinete de Primeiros Socorros e o Gabinete de Intervenção Disciplinar (GID). O Bloco D, além das salas de aula, dispõe ainda de duas salas de Diretores de Turma, um Gabinete de Trabalho, uma Sala de Informática, Sala de Professores, Reprografia e Bar de Professores. No Bloco E, além das salas de aula, encontram-se os laboratórios de Física e Química e Ciências, uma sala de Informática e um Laboratório de Matemática. No Bloco E foram criadas também duas unidades TEACHH, destinadas a alunos com espectro de autismo. No Bloco R situa-se a Cantina, a Papelaria, a Sala de Alunos, a Sala de Pessoal Não Docente e um Gabinete de trabalho para professores.

3.2. Caracterização da Sala de Música

A sala onde teve lugar a prática pedagógica possui dimensões capazes de acolher todos os alunos de forma confortável. A sala encontra-se equipada com material informático como um computador com acesso à internet, videoprojetor, colunas, aparelhagem, leitor de dvd e um piano digital. Anexado à sala de aula existe um outro compartimento de arrumos onde estão guardados instrumentos musicais e resto de material informático e eletrónico.

Podemos lá encontrar idiofones (xilofones e metalofones de várias alturas, outros...), membranofones (tudo o que tenha membrana...), cordofones (guitarras), aerofones (flautas) e electrofones (teclados digitais). Na área do material eletrónico, leitores de cassetes, rádios, colunas amplificadoras, mesa de mistura e cabos respetivos. Existem ainda lá guardados materiais como ecrãs, caixas de computadores e vários *dossiers*.

4. Recursos Humanos

4.1. Docentes

No que diz respeito ao corpo docente do AEMF, é composto por 146 (cento e quarenta e seis) professores e educadores, sendo que 3 (três) são contratados e 76 (setenta e seis) fazem parte dos quadros do agrupamento. Houve uma alteração significativamente no último triénio do corpo docente, pelo excesso de aposentações na categoria, o que levou haver alguma mobilidade. Na sequência do concurso de colocação de professores em agosto de 2013, houve uma renovação forte de alguns grupos disciplinares nomeadamente no 1º CEB, onde cerca de 2/3 (dois terços) dos docentes se encontra a exercer funções no Agrupamento pela primeira vez. Este acontecimento obriga a um período de adaptação e a um processo de integração que ainda não está totalmente finalizado.

A lecionar Educação Musical na Escola Martim de Freitas encontram-se 3 (três) professores formados na área: Paula Rovira, João Nuno Eufrásio e José Dinis.

4.2. Pessoal não docente

O pessoal não docente é constituído por 10 (dez) assistentes técnicos, 43 (quarenta e três) assistentes operacionais e 1 (uma) psicóloga. O corpo de assistentes técnicos e assistentes operacionais é estável, estando mais de 95% a trabalhar no AEMF há mais de 3 anos. É demonstrado muito interesse e empenho por parte do pessoal não docente em se manterem atualizados e em dar resposta às crescentes exigências, quer a nível administrativo, quer no atendimento à comunidade educativa, transmitindo uma imagem de eficiência e competência.

4.3. Alunos

Segundo os dados, o AEMF, conta com um grande número de alunos distribuídos pelos diferentes anos curriculares, desde o ensino Pré-Escolar ao 3º Ciclo do Ensino Básico. Onde 143 (cento e quarenta e três) crianças são acolhidas na educação pré-escolar, 602 (seiscentas e duas) no 1º ciclo, 373 (trezentas e setenta e três) no 2º ciclo e por fim 416 (quatrocentas e dezasseis) são acolhidas no 3º ciclo, dando um total de 1534 (mil quinhentos e trinta e quatro) alunos.

Podemos ainda encontrar matriculados nas escolas do Agrupamento alunos de 17 (dezasete) nacionalidades diferentes, destacando-se os países de expressão portuguesa (PALOP's) com 52 (cinquenta e dois) alunos.

4.4. Alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE)

O Agrupamento de escolas tem vindo a dar particular atenção aos alunos com necessidades educativas especiais de carácter prolongado e que constituem cerca de 5% de toda a população escolar. Acrescentamos ainda que 16% cumprem PAPI. A distribuição de serviço aos docentes de educação especial é feita mediante a aplicação das medidas educativas ou das modalidades específicas de educação estabelecidas no programa educativo individual dos alunos avaliados de acordo com o Decreto-Lei 3/2008, conjugado com a especialidade dos referidos docentes para as crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente (NEE-CP), nomeadamente em apoio especializado de docentes do grupo de recrutamento 910 em Unidade de Ensino Estruturado para a Educação de Alunos com Perturbações do Espectro do Autismo e pelo apoio especializado a outros alunos com NEE, não incluídos em unidades especializadas.

A componente letiva dos docentes da educação especial é de 22 horas semanais. A componente não letiva dos docentes de educação especial abrange a realização de trabalho individual e a prestação de serviço no estabelecimento de educação ou de ensino, de acordo com a legislação em vigor, a organização da escola e as necessidades dos alunos com NEE de carácter permanente.

4.4.1. Autismo

Etimologicamente, o termo autismo deriva da palavra grega *autos*, que significa eu/próprio e de *ismo*, que corresponde a um estado ou orientação.

De entre as várias definições que o autismo tem tido, Nielsen (1999: p. 38) define-o como «um problema neurológico ou cerebral que se caracteriza por um decréscimo de comunicação e das interações sociais».

No ano 2000, foi elaborado com o patrocínio do Conselho do *Autisme-Europe*, uma “Descrição do Autismo”, enquanto documento oficial da Associação *International Autisme-Europe*, elaborada pelos especialistas, Catherine Barthélemy, Joaquin Fuentes, Rutger Van der Gaag e Paola Visconti, na qual descrição é definido o espectro do autismo. Assim, dizem estes autores serem as perturbações incluídas no espectro do autismo, «perturbações neuropsiquiátricas que apresentavam uma grande variedade de expressões clínicas e resultam de disfunções do desenvolvimento do sistema nervoso central multifatoriais» (2000: p.3).

Para Miguel Correia (2014: p.29), o termo autista traduz um estado ou orientação, isto é, uma «orientação para o eu, ou seja, a condição ou estado de alguém que aparente estar invulgarmente absorvido em si próprio».

Na visão dos psiquiatras, o autismo é um dos transtornos invasivos do desenvolvimento. Condições que se manifestam desde cedo, caracterizadas pelo atraso e pelo desvio no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades sociais, à comunicação, entre outras (Martins & Preussler & Zavaschi, 2002: p.41).

Como em todas as áreas, também nesta muitos estudos têm sido feitos ao longo dos anos. A Perturbação do Espectro do Autismo deixou de ser considerada uma doença e passou a ser referenciada como uma síndrome, isto é, um conjunto de sinais e sintomas que define as manifestações clínicas de uma ou mais doenças ou condições clínicas, independentemente da etiologia que as diferencia (Correia, 2014: p.32).

A primeira experiência registada de uma criança com características do espectro do autismo data de 1800, a qual descreve relações médico-pedagógicas entre o médico francês Jean Itard e um menino encontrado nas florestas do sul de França, entre 1798/1799 (Vargas, s.d).

Por vezes é necessário que as crianças se submetam a testes de acuidade visual e auditiva, para descartar que a falta de um desses sentidos esteja a desencadear um comportamento autista. Em qualquer caso de suspeita de criança com autismo, esta deve ser encaminhada a um psicólogo, para fazer um teste psicodiagnóstico. O objetivo deste teste é identificar a presença ou não de retardo mental associado (Martins & Preussler & Zavaschi, 2002: p.42).

Seguidamente apresentam-se as três características essenciais do autismo: a primeira trata das dificuldades de interação social propriamente ditas, a segunda, refere-se ao atraso na expressão e compreensão da linguagem, e a terceira, refere-se aos interesses estereotipados.

Correia (2014: p.32-33), distingue o autismo por um conjunto de características, a “Triade de Lorna Wing” onde aponta os seguintes desvios, que passamos a descrever:

1. Na comunicação:

- Alterações na compreensão e utilização da comunicação não verbal (expressão facial, entoação, mímica, etc.);
- Discurso repetitivo, muitas vezes não comunicativo;
- Repetição automática das palavras e frases do interlocutor (ecolalia), muitas vezes fora de contexto, inviabilizando a comunicação.

2. Na interação social:

- Indiferença ou isolamento. Muitas vezes parecem muito afetuosos (aproximam-se das pessoas, abraçam-nas, etc.) mas na realidade adotam estes comportamentos independentemente da pessoa, lugar ou situação;
- Incapacidade de estabelecer e/ou manter o contacto ocular – induz ao relacionamento deficiente com o outro, o que implica uma diminuição da capacidade de imitação, crucial para a aprendizagem.

3. No uso da imaginação:

- Grande redução da capacidade imaginativa;
- Atividades estereotipadas e repetitivas impedem-nos de interagir adequadamente;
- Podem constituir aspetos perturbadores para estes indivíduos as mudanças de rotina como a mudança de casa, da disposição dos móveis ou até mesmo do percurso;

- Não brincam criativamente, chegando a passar horas a explorar um objeto específico. Crianças com inteligência mais desenvolvida podem fixar-se por determinados assuntos invulgares na sua faixa etária.

A União Europeia, como é do conhecimento geral e, particularmente nos meios educativos, favorece a integração escolar dos alunos com NEE. No entanto, cada indivíduo independentemente das condições locais também deve precocemente ter/fazer o enquadramento geral da necessidade educativa para que a avaliação funcional possa rapidamente ter um diagnóstico e uma proposta de tratamento. Desta forma, tudo será mais facilitado para que aplicação das aprendizagens possam decorrer com a normalidade possível. Atualmente e com os avanços da tecnologia educativa conhecem-se grandes desenvolvimentos. Por exemplo, através da aplicação das aprendizagens apoiadas visualmente, o uso da tecnologia de informação, um curriculum funcional, a estruturação temporal, participação parcial etc., potenciam um melhor período escolar à criança.

Como refere Miguel Correia (2014: p.61), a estruturação do PEI deve envolver todos os professores que partindo do estudo prévio do discente, selecionam do currículo base as áreas, metas e objetivos que se propõem que o aluno atinja. A implementação do plano deve ser cuidadosa, iniciando-se no último passo em que a criança foi bem sucedida, reforçando positivamente cada conquista. Só se deve passar para uma nova atividade quando a anterior for concluída com sucesso de forma autónoma.

Desta forma o professor utiliza a arma mais eficaz para o sucesso educativo que é a persistência e a paciência associadas, partindo dos saberes da criança para o desenvolvimento de outros saberes. Em síntese, a comunidade educativa tem o papel decisivo na promoção do saber do discente e o trabalho com um aluno autista, por exemplo, é um trabalho extremamente exigente e de grandes responsabilidades na seleção dos recursos bem como nas habilidades do educador.

O meio educativo tem um grande impacto quer nos alunos com NEE como nos alunos saudáveis. Um ambiente de apoio e interajuda entre alunos com e sem NEE depende muito da atitude do professor e da sua capacidade de promover o ambiente educativo positivo. Uma das formas para o obter é o recurso á aprendizagem

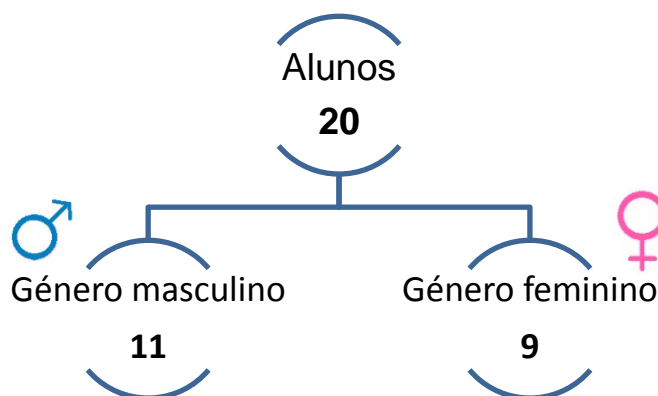
colaborativa propiciadora de interações entre pequenos grupos. Quando os alunos trabalham de forma colaborativa ou cooperativa acabam por revelar um maior reconhecimento encorajamento e apoio aos alunos com NEES.

Desta forma estas experiências proporcionam a todos os intervenientes uma oportunidade de crescimento social e emocional tanto mais que as necessidades básicas de um aluno com NEE são as mesmas de um aluno regular. Em síntese, é sempre necessário que um aluno receba o apoio e aceitação dos seus colegas, dos seus professores e dos seus pais.

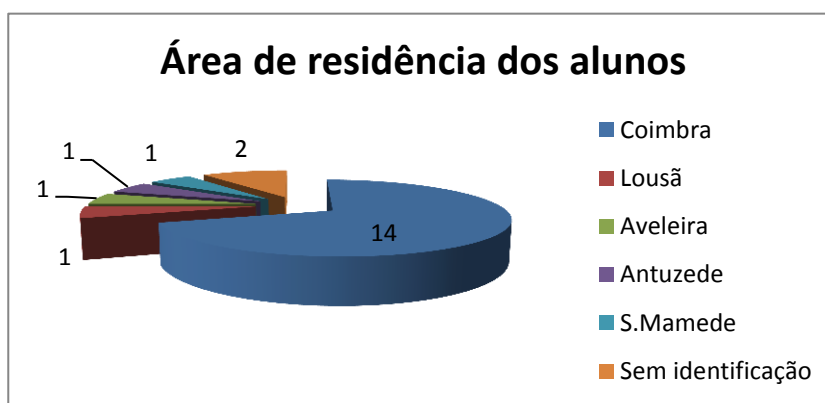
5. Caracterização das turmas de estágio

5.1. Caracterização da turma do 1º Ciclo relativamente 4ºB

Esta turma era constituída por 20 (vinte) alunos, todos com 9 (nove) anos de idade, distribuídos da seguinte forma:

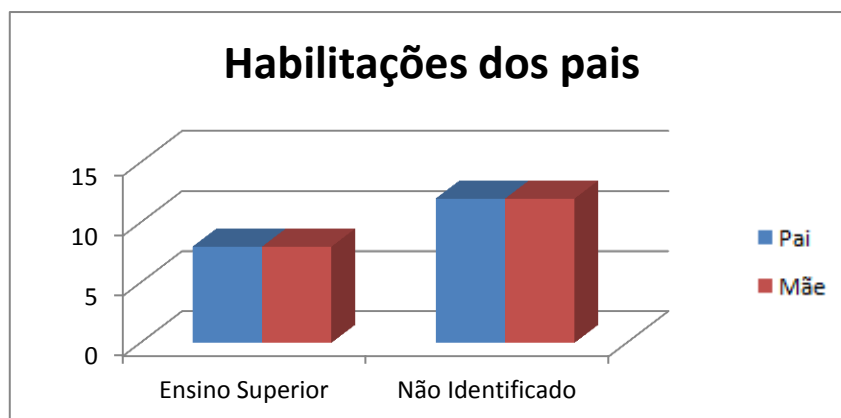


Todos os alunos são de nacionalidade portuguesa exceto um aluno que é angolano. Existem ainda dois alunos cujos progenitores são de nacionalidade ucraniana e cabo Verdiana.



Quadro 1 – Área de residência dos alunos do 1º Ciclo

Como podemos verificar no quadro apresentado anteriormente, a maioria dos alunos são residentes de Coimbra, no entanto o aluno mais distanciado da escola, passou a residir na Lousã, a cerca de 26 km de Coimbra.



Quadro 2 – Habilitações dos pais dos alunos do 1º Ciclo

No geral, a turma revelou uma motivação global para as atividades escolares, demonstrando uma vontade imensa de saber e de aprender, reveladas através da forma de participar, questionar, descobrir, do fazer e do saber-fazer.

Cabe aqui também referir o caso do aluno que beneficiava de um PEI, homologado em 18/10/2012, e ao abrigo do Decreto Lei nº3/2008, que deve ter:

- apoio pedagógico acrescido;
- adequações curriculares individuais
- adequações no processo de avaliação.

A pretensão era o aluno desenvolver o currículo definido para o seu ano de escolaridade, conjuntamente com a turma. O apoio educativo a implementar visa essencialmente a promoção e a potencialização das competências necessárias ao acesso dos conteúdos programáticos.

O aluno, em apreço, participou integralmente e plenamente nas atividades letivas e de enriquecimento curricular em oferta na escola, em correspondência ao que acontece com os colegas de turma, na própria escola e nos espaços extraescolares.

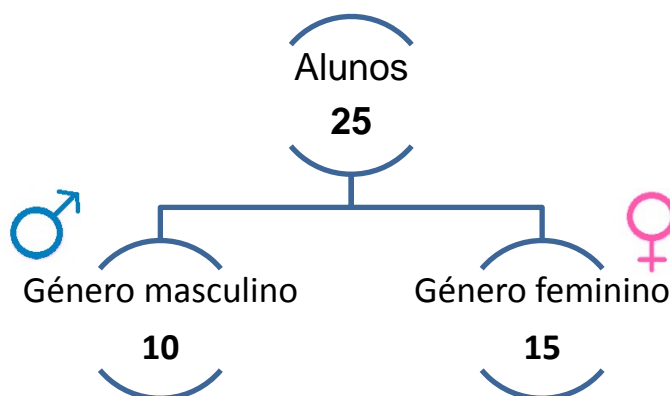
De acordo com o relatório psicológico de 14 de maio de 2013, o aluno manifestava dificuldades graves na abstração, organização, planeamento e resolução de problemas, na aquisição de conceitos complexos e ao nível da atenção. Possui um

vocabulário pobre, revelando dificuldades em comunicar verbalmente, organizando frases curtas com conteúdo pouco expressivo. Perante esta avaliação, foram implementadas as seguintes estratégias: sentar o aluno próximo do docente; adotar um discurso simplificado; dar instruções simples e claras acerca das tarefas a desenvolver; sublinhar a informação mais importante nas instruções escritas; solicitar a sua intervenção nas tarefas em que é competente; confirmar que escutou e entendeu as explicações e instruções; promover a sua autonomia; reforço e desenvolvimento de competências específicas pela professora do ensino especial.

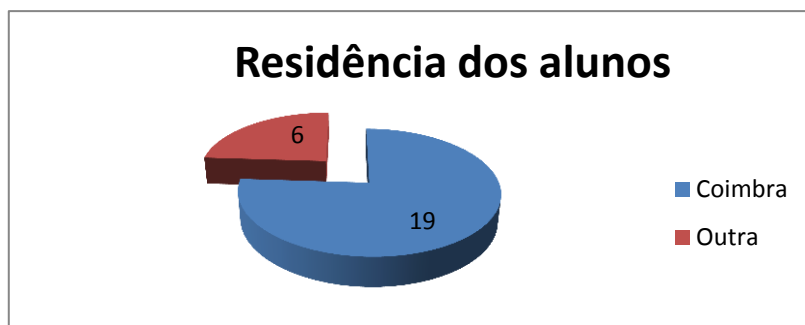
Nesta turma do 1º CEB existem ainda três alunas que beneficiam de apoio educativo, por manifestarem algumas dificuldades ao nível da compreensão dos conteúdos. As atividades a desenvolver incidem nas áreas de Português e Matemática e consistem num acompanhamento e reforço dos conteúdos tratados na sala de aula de modo a permitir que as alunas cumpram as tarefas definidas beneficiando de ajuda individual e sistematizada de forma a adquirir, consolidar e aplicar conhecimentos.

5.2. Caracterização da turma do 5ºA do 2º CEB

A turma é constituída por 25 (vinte e cinco) alunos, com idades compreendidas entre os 9 (nove) e os 10 (dez) anos de idade, distribuídos da seguinte forma:

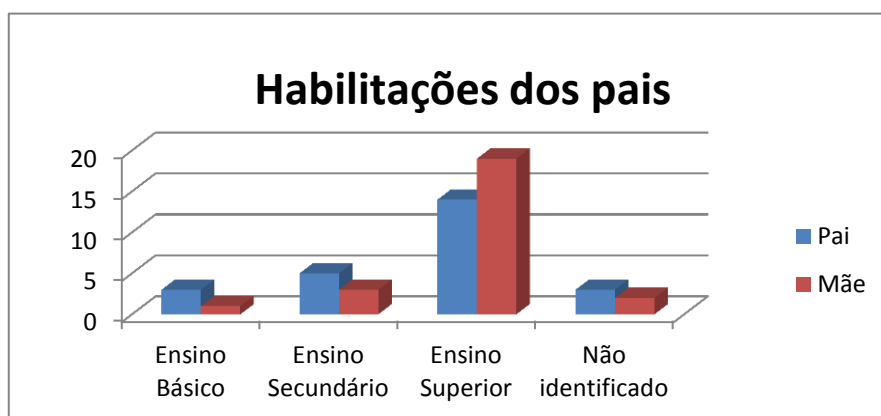


Seguidamente apresentamos em gráfico que cerca de 1/3 destes alunos não reside na cidade de Coimbra.



Quadro 3 – Área de residência dos alunos do 2º Ciclo

No que diz respeito às habilitações dos pais dos alunos do 5ºA, pode informar-se que a maioria frequentou o ensino superior. Também a média de idades dos pais varia entre 42 anos e 43 anos.



Quadro 4 – Habilitações dos pais dos alunos do 2º Ciclo

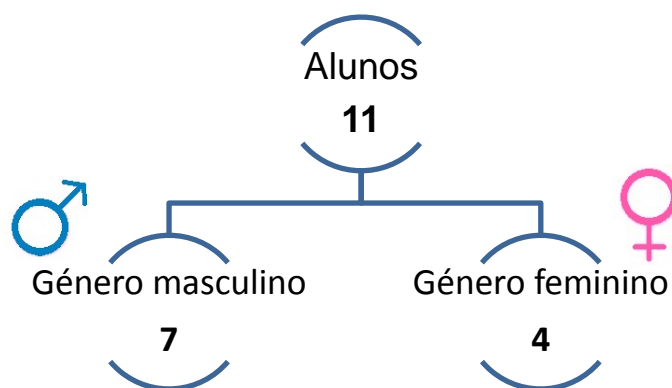
De entre os vinte e cinco alunos da turma, apenas a dois foi atribuído o escalão A do SASE e o escalão B a um aluno.

Relativamente à saúde, cabe referir, existirem três alunos referenciados, um deles com problemas hormonais e de sudção excessiva, outro com problemas de hiperatividade e défice de atenção e com urticária despoletada pelo calor, por último, um aluno que usa colete de Boston, em virtude da escoliose que possui.

Em relação ao comportamento da turma, esta revelou ser muito impulsiva e distraída. No entanto, os alunos apresentaram bons resultados nos testes realizados, pois quando chega o momento de demonstrarem as competências adquiridas, eles efetivamente trabalhavam e os resultados ficaram à vista.

5.3. Caracterização da turma do 3º CEB

Esta turma era constituída por 11 (onze) alunos, provenientes de diversas turmas do 3º ciclo da escola, com idades compreendidas entre os 13 (treze) e os 17 (dezassete) anos de idade e distribuídos da seguinte forma:

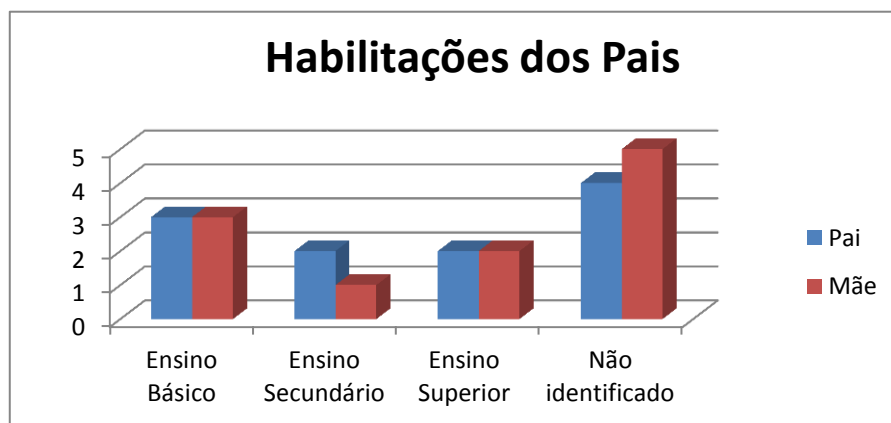


Nesta turma foram reunidos apenas alunos com NEE, por uma questão não apenas de logística institucional, mas também pelas características de similitude dos membros constituintes. Assim, durante a duração de todo o estágio os alunos foram sempre acompanhados por três auxiliares educativas, pela professora de educação especial, bem como pela docente responsável da turma e professora cooperante da ESEC e pelo estagiário. Estes alunos na sua quase totalidade estão institucionalizados, residindo em Coimbra, conforme o gráfico que segue:



Quadro 5 – Área de residência dos alunos do 3º Ciclo

Quanto às habilitações académicas dos pais dos alunos desta turma, apenas conseguimos saber que um pequeno número frequentou o ensino superior, como evidencia o gráfico.



Quadro 6 – Habilitações dos pais dos alunos do 3º Ciclo

Como referimos anteriormente a turma é composta integralmente por alunos com NEE, estando todos abrangidos pelo Decreto-Lei nº3/2008, de 7 de janeiro, com um Programa Educativo Individual (PEI) e um Currículo Específico Individual (CEI).

É pertinente informar que dos onze alunos, seis nunca tiveram retenções. No geral a turma apresentou grandes dificuldades de aprendizagem, desde dificuldades de concentração, atenção, memorização e outras.

Tendo em conta o diagnóstico de referência institucional relativo a cada aluno, pode informar-se que, 6 (seis) alunos da turma são identificados como portadores de PEA e deficiência cognitiva associada; um apresenta competências muito abaixo do esperado para a sua idade, sendo apontado como integrado num quadro de deficiência mental leve; um não desenvolveu adequadamente os pré-requisitos para as aprendizagens escolares, tem pouca labilidade de atenção, agitação constante e quanto ao seu desenvolvimento intelectual, os resultados revelaram uma deficiência mental; um com desenvolvimento intelectual num nível muito inferior à média esperada; um com síndrome de Down / trissomia 21 de tipo livre; e um com síndrome fetal alcoólico.

De entre as diversas terapias individualizadas, uma delas é comum ao geral da turma, que é a terapia da fala.

Perante as dificuldades evidenciadas nesta breve caracterização, é fácil compreender que para trabalhar com a turma foi um processo moroso e subordinado a um curriculum educativo adequado a cada um, com adaptações personalizadas, isto é, um PEI.

A estruturação do PEI deve, pois, envolver todos os professores que partindo do estudo prévio do aluno selecionam do currículo base, as áreas, metas e objetivos que se propõe que o aluno atinja. O professor deve usar a arma mais eficaz rumo ao sucesso educativo – a paciência aliada à persistência – partindo dos saberes que a criança já possui, fazendo com que atinja níveis de desenvolvimento que a criança não atingiria por si apenas.

No caso das crianças autistas é importante que se promovam aprendizagens a nível de aquisição da linguagem e outras habilidades sociais, como os autocuidados, além de se intervir na redução dos comportamentos inadaptados. Assim a comunidade educativa tem um papel decisivo nesta promoção embora o professor de educação especial tenha uma intervenção mais direta no processo.

6. Da Prática Pedagógica

Segundo o *Dicionário Priberam de Língua Portuguesa*⁵ (2013), um estágio é um «período durante o qual uma pessoa ou um grupo exerce uma atividade temporária com vista à sua formação ou aperfeiçoamento profissional».

O desenvolvimento de «atividade de iniciação à prática profissional, incluindo a prática de ensino supervisionada, e de investigação no domínio da educação [no caso, na Educação Musical]», está prevista e regulada, no artigo 18º do Decreto-Lei nº 43/2007 e alterações subsequentes.

As atividades integradas na componente de iniciação à prática profissional obedecem às seguintes regras (nº 4 daquele artigo):

- a) Incluem a observação e colaboração em situações de educação e ensino e a prática de ensino supervisionada na sala de aula e na escola, correspondendo esta última ao estágio profissional objeto de relatório final [...];
- b) Proporcionam aos formandos experiências de planificação, ensino e avaliação, de acordo com as competências e funções cometidas ao docente, dentro e fora da sala de aula;
- c) Realizam-se em grupos ou turmas dos diferentes níveis e ciclos de educação e ensino abrangidos pelo domínio de habilitação para o qual o curso prepara, devendo, se para o efeito for necessário, realizar-se em mais de um estabelecimento de educação e ensino, pertencente, ou não, ao mesmo agrupamento de escolas ou à mesma identidade titular, no caso do ensino particular ou cooperativo;
- d) São concebidas numa perspetiva de desenvolvimento profissional dos formandos visando o desempenho como futuros docentes e promovendo uma postura crítica e reflexiva em relação aos desafios, processos e desempenhos do quotidiano profissional.

No estágio, surgem desafios dia após dia que temos de superar, bem como conflitos que têm de ser resolvidos e ultrapassados. O estágio é o espaço onde se desenvolve ao mesmo tempo a experimentação e a aprendizagem. Tem uma

⁵ Trata-se de um dicionário de português contemporâneo, cuja base é o *Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa* (Porto, Lello Editores, 1996 e 1999) que, em 2008, foi licenciado à Priberam. O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (DPLP) é uma obra adaptada para disponibilização eletrónica pela Priberam, com revisão e atualizações efetuadas por linguistas especialistas. Possui duas versões: uma redigida de acordo com a norma europeia do português, sem e com as alterações gráficas previstas pelo Acordo Ortográfico de 1990, e outra elaborada segundo a norma brasileira do português, com e sem as alterações previstas pelo novo Acordo Ortográfico. (vd. <http://www.priberam.pt/dlpo/chave> [consultado em 11-06-2015]).

importância muito significativa porque é nele que o estagiário tem a experiência mais realista de desempenhar o papel de professor e é aí que «experimenta» o que é na prática ser professor, canalizando para lá as suas capacidades, conhecimentos, competências, valores e atitudes.

De salientar que o trabalho desenvolvido no âmbito da observação de aulas consistiu num processo colaborativo entre o professor estagiário, a professora cooperante e a professora orientadora (antes, durante e após a observação), apoiado num clima de confiança e respeito mútuos, harmonizando uma atmosfera relacional positiva e decisiva para a concretização das capacidades formativas da observação.

6.1. Da Avaliação

A avaliação tem por objetivo a melhoria do ensino através da verificação dos conhecimentos adquiridos e das competências e capacidades desenvolvidas nos alunos e pelos alunos, naquilo que se espera para o cumprimento das metas curriculares. É outro objetivo da avaliação poder conhecer o estado do ensino e daí retificar procedimentos e reajustá-los nas diversas disciplinas aos objetivos curriculares que são fixados.

A avaliação realizada assentou na avaliação cognitiva e na avaliação sócio afetiva e psicomotora, isto, avaliando o sentido de responsabilidade, o interesse e o empenho nas tarefas realizadas, pelos educandos e o seu relacionamento com os colegas.

A nomenclatura utilizada nos instrumentos de avaliação para o 1º ciclo foi a seguinte: Não satisfaz – 0 a 49%; Satisfaz – 50% a 69%; Satisfaz Bem – 70% a 89%; Satisfaz muito bem – 90% a 100%. Em virtude da não cedência das classificações finais dos alunos por parte da professora titular da turma, não nos é possível apresentar aquelas classificações. Todavia a prestação dos alunos ao longo de todo o estágio situou-se no Bom e no Muito Bom.

Transversal a todos os ciclos foi a avaliação das atitudes/comportamento e participação/empenho. No domínio das atitudes/comportamento procurou-se saber se

o aluno foi pontual e assíduo, autónomo, se manifestou um comportamento adequado no espaço da sala de aula e se demonstrou capacidade de auto e heteroavaliação.

No domínio da participação/empenho foi objetivo saber se o aluno revelou interesse e participou nas atividades propostas, se manifestou conhecer os conteúdos e se aplicou os conhecimentos em novas situações.

No 2º ciclo, a avaliação sumativa foi feita numa escala de 1 a 5, mantendo-se a avaliação descritiva para a oferta complementar de escola, como são os casos da formação cívica e apoio ao estudo. O domínio das atitudes e valores bem como o domínio cognitivo mantém-se presente na avaliação dos alunos, através do desenvolvimento de competências e aquisições de conteúdos, sendo que a avaliação no domínio psicomotor teve grande incidência na prática vocal e instrumental.

Na avaliação sumativa no final do 3º período, a turma do 5º ano apresentou resultados positivos. Do total de 25 (vinte e cinco) alunos, 19 (dezanove) obtiveram a classificação máxima, isto é, nível 5, aos restantes 6 (seis) alunos foi-lhes atribuída a classificação de 4.

No que se refere ao 3º ciclo, os resultados finais foram também positivos, embora a tipologia classificativa não seguisse os moldes tradicionais (escala de 1 a 5), pelo facto de a totalidade da turma apenas ter alunos com NEE. Assim, num total de 10 (dez) alunos, 8 (oito) foram classificados com Bom e 2 (dois) com Suficiente. Com efeito, a estes alunos foi proporcionado acompanhamento adequado e individualizado que lhes possibilitou adquirir competências para a prática musical. Outras avaliações disponíveis, podem ser consultadas em (*Vd. Anexo 5./a. – DVD*).

6.2. Cronograma

	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
1							Estágio
2			Estágio	Estágio			Preparação da festa de final de Ano
3							Preparação da festa de final de Ano
4							
5							Ensaio Geral - Tarde Apresentação Final Noite - 21h30
6	Preparação da festa de Natal						
7							
8							
9	Preparação da festa de Natal		Estágio	Estágio			
10							
11							
12		Estágio					Fim de ano letivo
13					Estágio		
14							
15							
16			Carnaval	Estágio			
17							
18	Preparação da festa de Natal						
19		Estágio					
20					Estágio		
21							
22							
23			Estágio				
24	Férias de Natal						
25						Estágio	
26		Estágio		Férias de Páscoa			
27	Festa de Natal				Estágio		
28							
29							
30							
31							

6.3. Prática Pedagógica no 1º CEB

No dia 12 de janeiro de 2015 teve início o estágio no AEMF. De acordo com a professora cooperante e com a direção, ficou estabelecido que as aulas do 1º Ciclo de expressão musical decorreriam à segunda feira entre as 14h15 e as 15h, horário anteriormente preenchido com a disciplina de Estudo do Meio. É de referir que os alunos no presente ano não tinham tido, até então, Expressão e Educação Musical o que não permitiu ao estagiário a oportunidade de assistir previamente a qualquer aula desta área. Para cada aula foi feita a respetiva planificação com a professora orientadora e dada a conhecer previamente à professora cooperante. No final de cada aula era feita uma reflexão com a professora cooperante e, posteriormente, uma descrição escrita desta, com vista à avaliação do desempenho na aula.

A planificação e a lecionação de uma aula conduzem o professor à investigação, sendo esta também uma das atividades do docente, tal como os normativos legais preconizam. Numa planificação é importante incluir os objetivos, os conteúdos, a organização de atividades e de estratégias, os critérios/instrumentos de avaliação, a construção de instrumentos pedagógicos para apoio e outros.



As aulas foram sempre dinâmicas, com alunos interessados e motivados. Era objetivo do professor estagiário que fosse aberto um leque ao maior número de atividades possíveis, desde execução de temas em instrumentos diferentes, cantar, entoar e criar letras para musicais.

Ao longo das várias aulas os alunos tiveram oportunidade de conhecer vários instrumentos musicais. Os alunos para além de utilizarem os instrumentos de percussão, disponíveis no Agrupamento e da flauta doce (que os alunos levavam para a sala de aula, quando era solicitado, consoante as atividades a desenvolver), também tiveram oportunidade de conhecer e explorar outros instrumentos musicais como, o cavaquinho, a concertina, o acordeão bem como o teclado digital, todos estes pertencentes ao estagiário e por si levados para a sala de aulas, para enriquecimento das atividades letivas propostas, criando assim uma expectativa nos alunos, para além de contribuir para o reforço das relações interpessoais. Com efeito, desta forma a relação com o objeto musical pareceu ascender a níveis superiores de valoração, tendo

por base satisfações sensoriais, empatias expressivas e apreciações manifestadas (Swanwick, 1999).

Durante a prática pedagógica do 1º CEB, foram abordados vários géneros musicais, desde a música clássica, à música pop, música tradicional, entre outros. Foram também trabalhados alguns temas constantes no manual “Orquestra do Pautas”, das Edições Convite à Música.

Apresentamos, seguidamente, uma planificação, a número 3 (três), realizada na aula referente ao dia 26 de janeiro de 2015, para mais facilmente se verificar, o que foi realizado, que conteúdos foram propostos e trabalhados, qual ou quais foram os objetivos pretendidos alcançar, que estratégias foram utilizadas e, naturalmente, que resultados foram obtidos. A planificação proposta teve como um dos objetivos, fazer uma pequena abordagem ao compositor Mozart, que os alunos acompanharam com recurso ao musicograma do tema “Marcha Turca”.

<p align="center">Escola EB 2/3 Martim de Freitas</p> <div>  <div> Agrupamento de Escolas Martim de Freitas <small>Coimbra</small> </div> <div> Estágio em EEMEB PLANO DE AULA 2014/2015 </div> <div>  <div> GOVERNO DE PORTUGAL </div> <div> <small>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</small> </div> </div> </div>	
Aula Nº3 Ano 4ºB Data: 26.01.2015 Duração: 45 minutos 14h15 - 15h00	Professora Cooperante: Isabel Pais Professor Estagiário: Maike Calvão
<p>Sumário: Revisão da canção aprendida na aula anterior. Abordagem ao compositor Wolfgang Amadeus Mozart. Acompanhamento com instrumentos de percussão a “<i>Marcha Turca</i>” apoiada no musicograma o livro - <i>Orquestra do Pautas</i>.</p>	

Conceitos e Conteúdos	Objetivos de Aprendizagem	Atividades e Estratégias	Recursos e Avaliação
Ritmo: Pulsção; Som/Silêncio. Intensidade: Piano; Forte. Timbre: Semelhante; Contrastante.	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolvimento da memória auditiva. Saberes sobre o compositor Mozart. Identificação de sinais não convencionais através do musicograma. Capacidade de acompanhamento em grupo ou individual do tema proposto com instrumentos de percussão. 	<p>Recurso à memória auditiva para relembrar a música estudada na aula anterior.</p> <p>Abordagem ao compositor <i>Wolfgang Amadeus Mozart</i>, com recurso a obras de sua autoria e curiosidades apresentadas em um Power Point criado pelo professor estagiário.</p> <p>Audição e visualização da <i>Marcha Turca</i> de Mozart, na interpretação de André Rieu.</p> <p>Utilização de musicogramas: definição e sua importância.</p> <p>Leitura de um musicograma referente ao tema “<i>Marcha Turca</i>” de Mozart constante no livro “<i>Orquestra do Pautas</i>”.</p> <p>Divisão da turma em quatro grupos, e numa primeira fase fazer a aprendizagem das diversas partes por grupos, numa segunda parte a turma acompanha o tema em conjunto.</p>	<p>Recursos: Sistema de som Instrumentos de percussão</p> <p>Avaliação: Observação direta.</p> <p>Parâmetros Comportamentais / Atitudes: Interesse Participação; Sociabilidade Responsabilidade Autonomia</p>

Resumo/Reflexão do 4º B de 26/01/2015

Os alunos entraram na sala de forma ordenada e sentaram-se nos seus respetivos lugares.

A aula iniciou com a recapitulação da canção aprendida na aula anterior, onde foram feitas algumas alterações sugeridas pelos alunos. De seguida foi feita uma abordagem ao compositor “Wolfgang Amadeus Mozart”. Esta atividade teve a ver com o facto de no dia imediato (27 de janeiro de 2015) se comemorarem os 259 anos do nascimento do compositor. Os alunos ouviram, então, um excerto do *Requiem* de Mozart (em D minor K626), ao que se seguiu a colocação de algumas perguntas sobre o mesmo. Os alunos evidenciaram conhecer algumas coisas da vida do compositor. Foi, então, mostrada uma imagem deste e feita uma pequena apresentação em PowerPoint, contendo também algumas curiosidades (Vd. Anexo 3./a./c) - DVD).

No decorrer da apresentação foi perguntado aos alunos se gostavam de música clássica, o que a grande maioria respondeu, não saber responder. Então, foi pedido aos alunos que se levantassem e fizessem a adaptação da métrica de um texto à da música, com a utilização das curtas frases que seguem, isto é, as mesmas utilizadas na aula: o Mozart foi cravista; o Mozart foi organista; o Mozart foi violinista, o Mozart foi compositor; compositor do século XIII. Os alunos repetiam divertidos, mostrando ter apreciado a atividade.

Este exercício ajudou os alunos a memorizarem alguns saberes sobre Mozart. Na continuidade da aula, os alunos ouviram outro tema do mesmo compositor, a *Marcha Turca* (sonata para piano nº 11 A major k331, que pode ver-se em <https://www.youtube.com/watch?v=rrk-zuuc77U>) ou no (Vd. Anexo 3./a./c) - DVD). Foi apresentado um musicograma e explicada a sua funcionalidade e, depois, foram distribuídos os instrumentos de percussão aos 20 (vinte) alunos presentes na aula. A turma foi dividida em 4 (quatro) grupos: grupo 1. com 5 (cinco) clavas, grupo 2. com 5 pandeiretas, grupo 3. com 5 maracas, ficando o grupo 5. com 5 triângulos. Cada grupo ensaiou individualmente, duas vezes e, no final todos os grupos tocaram em simultâneo. Concluída a atividade foi novamente perguntado aos alunos se gostavam de música clássica, ao que todos responderam afirmativamente. Podemos dizer, então, que a escolha do repertório e a duração do mesmo, tal como a apresentação de um

instrumento musical pode influenciar a apreciação e fruição do mesmo por parte da criança, sendo, por isso, essencial que os professores sejam comunicativos e exibam o instrumento de uma forma criativa e, ao mesmo tempo, atrativa. O mesmo se pode apontar para a seleção de peças musicais a trabalhar com crianças. Em síntese, a aula foi bem sucedida e os objetivos atingidos.

Anexos da aula do 4º B de 26/01/2015

Anexo 1 — Musicograma da *Marcha Turca*, de Mozart

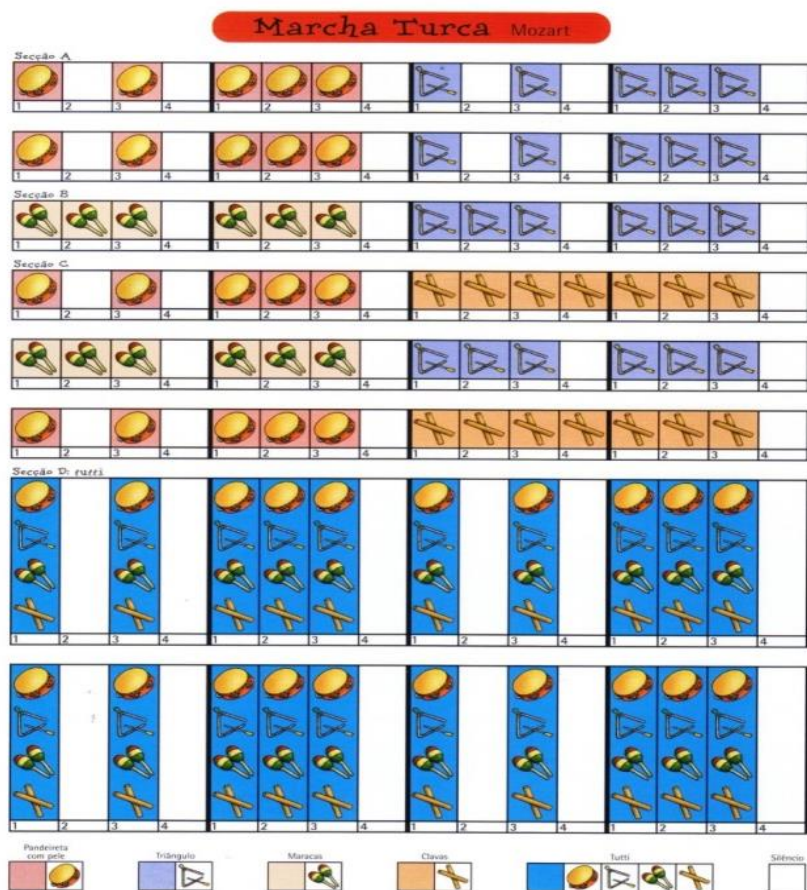


Figura 12 – Musicograma da *Marcha Turca*

Anexo 2 — Partitura da rítmica da *Marcha Turca*, de Mozart

Coleção – *Orquestra do Pautas 1*
ECM – Edições Convite à Música

Marcha Turca Mozart

Intr. - Metrónomo

The image displays a rhythmic score for the 'Marcha Turca' by Mozart, specifically for percussion instruments. The score is organized into four systems, each with four staves representing different percussion parts: Pand. c/ pele (Pandeireta com pele), Triângulo (Triangle), Maracas, and Clavas (Claves). The first system begins with an 'Intr. - Metrónomo' (Introduction - Metronome) section, indicated by a '2' over a 4/4 time signature. The subsequent systems show the main rhythmic patterns for each instrument. The fourth system is marked 'Tutti' and features a more complex, dense rhythmic pattern. The notation uses various rhythmic values such as eighth and sixteenth notes, rests, and bar lines to define the timing and sequence of the percussion parts.

Figura 13 – Partitura rítmica da *Marcha Turca* de Mozart

Anexo 3 — Capa do livro Orquestra do Pautas

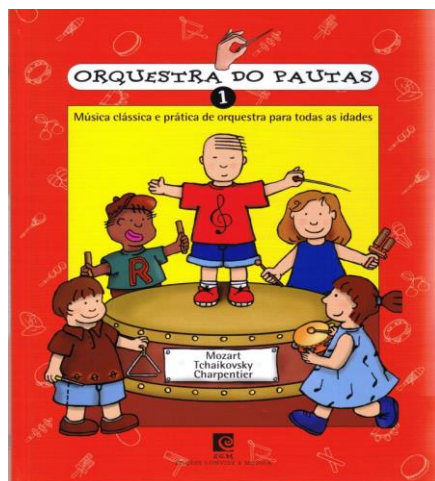


Figura 14 - Orquestra do Pautas 1

Anexo 4 da aula do 4º ano B de 26/01/2015

One Love Bob Marley

Flauta

F1

F1

para Coda na 3ª vez

D.C. al Coda

The image displays a musical score for the song 'One Love' by Bob Marley. It consists of four staves of music. The first staff is labeled 'Flauta' and the second 'F1'. The third staff is also labeled 'F1' and includes the instruction 'para Coda na 3ª vez' with a Coda symbol. The fourth staff is labeled 'F1' and includes the instruction 'D.C. al Coda'. The music is written in 4/4 time with a key signature of one sharp (F#). The melody is simple and repetitive, consisting of eighth and quarter notes.

Figura 15 – Partitura do tema “One Love”

É possível encontrar estes e outros exemplos em (Vd. 3./a./a) a j) - DVD), apoiados por vídeos dos alunos em ativa participação (Vd. 4./a./a.1. - DVD).

6.4. Prática Pedagógica do 2º CEB

A prática pedagógica relativa ao 2º CEB teve início no dia 6 de dezembro de 2014, com a participação do estagiário na preparação/organização da Festa de Natal que se realizou no dia 27 de dezembro do mesmo ano, no grande auditório do Conservatório de Música de Coimbra. Na sequência desta apresentação e de acordo com o PE do Agrupamento de Escolas Martim de Freitas, foi proposta para apresentação final de ano, a realização da ópera ligeira “Em busca de Santo António” de José Carlos Godinho, dedicada à figura de Santo António. Foram personagens os tradicionais noivos e noivas de Santo António e os peixes (moluscos e crustáceos), aos quais Santo António dedicou um sermão.

A questão relativa ao lugar de nascimento do santo ser Lisboa ou Pádua serviu de base ao argumento do conto musical.

Esta obra desenvolveu-se e trabalhou-se ao longo de todas as aulas lecionadas sem nunca se perder o fio condutor do currículo, culminando na apresentação pública no final do ano letivo, realizada também no grande auditório do Conservatório de Música de Coimbra, no dia 5 de junho de 2015, pelas 22h, (*Vd. Anexo 4./a./b.2./Apresentação Pública da Ópera Ligeira - Em busca de Santo António - 5 de Junho 2015 Conservatório de Coimbra - DVD*).



Figura 16 – Alunos na apresentação final

Nesta apresentação não estiveram presentes apenas os alunos do 5ºA (turma intervencionada), mas todos os alunos das turmas atribuídas à professora cooperante, bem como o Maike Calvão, mestrando estagiário. Com um universo de cerca de 150 alunos em palco, 100 integraram o coro e também tocaram flauta, consoante o desenrolar da peça o determinava. Os restantes 50 alunos eram figurantes com uma participação mais ativa em palco.

O estagiário assistiu previamente a algumas aulas da professora titular, para poder conhecer a turma e perceber como era o seu comportamento durante o decorrer das aulas e assim conseguir arranjar estratégias pedagógicas para melhor trabalhar com os alunos, visto que estes se distraíam com muita facilidade.

Cada sessão de trabalho foi planificada cuidadosamente, com alguma flexibilidade para ir ao encontro das características únicas de cada grupo de crianças, o que, por si só, já era um desafio pedagógico do projeto que estava a ser implementado.

As estratégias de organização da representação pública, a preparação dos alunos enquanto intervenientes ativos e envolvidos nas práticas pedagógicas de Educação Musical, tendo em conta a complexidade de tarefas e aprendizagens — de textos, canções que teriam de saber de cor e declamar, cantar, tocar e representar em palco —, a coreografia e a dança em determinadas partes da ação, bem como idealizar o guarda-roupa (para além da conceção dos fatos e adereços), constituíram um trabalho colaborativo entre a professora cooperante, o estagiário, a orientadora de mestrado e, posteriormente, a direção da instituição naquilo a que esta competia.

A professora cooperante pediu ao estagiário que fizesse todos os arranjos que ele achasse pertinentes para determinadas músicas, o que prontamente aceitou e fez. Uma das partes que os alunos muito apreciaram foi a realização da segunda voz, para flauta, na canção nº 13, intitulada “Ele é santo e eu santola”, que está disponível em (Vd. Anexo 3./b./ “Ópera Ligeira” – ‘Em busca de Santo António’/13 - DVD).

Para diferentes situações, mas com o objetivo de conseguir atingir os resultados pretendidos, foi preciso recorrer várias vezes às tecnologias, sendo necessário utilizar vários *software* que disponibilizassem as ferramentas necessárias para o efeito pretendido. Assim, foi utilizado o *Finale 2012*, para edição e notação musical, como para arranjos e criação de segundas vozes e o *Adobe Audition CS6*, para recortar e acrescentar partes de instrumentais em MP3, utilizados na ópera ligeira.

Recorreu-se também ao *Movie Maker* para a criação de vídeos e ao *PowerPoint* para realizar apresentações, nomeadamente, a apresentação pública desde o início até ao fim desta experiência pedagógica em torno de uma ópera ligeira infantil, como a denominou o seu autor, Carlos Godinho.

Podem ser consultadas (Vd. Anexo 3./b./ “Ópera Ligeira” – ‘Em busca de Santo António’ - DVD), todas as partituras da “*Ópera Ligeira Infantil*” e arranjos correspondentes, bem como as letras e os áudios originais e também aqueles que sofreram alterações por parte do estagiário, com o apoio da orientadora de estágio, como referimos.

Ficou bem evidente, na apresentação final deste “conto musical”, que conhecer uma peça musical não é apenas saber falar sobre ela ou explicá-la por palavras, mas também senti-la, indo além daquilo que podemos articular (Dickenson & Johnson, 1993; Hallam, 1997).

Cabe também referir que à semelhança dos alunos dos 1º e 3º CEB, os do 2º ciclo também tiveram oportunidade de explorar vários instrumentos musicais que o mestrando apresentou, manipulou e fez experienciar a cada aluno, em qualquer dos instrumentos, como o acordeão, a concertina e o cavaquinho. Para todos os instrumentos foram mencionadas as formações em que estes podiam ou não aparecer com maior ou menor frequência.


Para que este tipo de atividade resultasse melhor e não conduzisse à desmotivação do aluno que, por exemplo, não conseguisse obter um bom som, na primeira vez que tentasse tocar qualquer daqueles instrumentos, houve o cuidado de antecipadamente alertar os alunos, para o facto de que para tocar qualquer instrumento, são exigidos conhecimentos prévios, prática e treino diário. Assim, tudo correu da melhor forma e muitos dos alunos receberam sugestões e também as deram, tiveram uma oportunidade de vivenciar, experienciar e revelaram interesse por atividades deste tipo e com um envolvimento musical e cultural singular. É muito importante preparar as crianças para as primeiras execuções, ativando sentimentos de fraternidade, solidariedade e estimulação estética que nem sempre é simples.

A valorização da experiência musical na educação musical é vista segundo duas perspetivas por Swanwick (2006: p.130): a música existe e está relacionada com a tradição cultural, constituindo desta forma o primeiro nível de significado estético da

música e a perspetiva de que a música assenta na realidade individual, subjetiva, em que o indivíduo tem qualquer objeto musical, sendo através deste segundo nível que é encontrado o significado estético na música. Swanwick acentua e valoriza ainda a ideia de que os professores na sala de aula devem estar conscientes das duas perspetivas acima descritas.

O entendimento de que os professores devem ser executantes de um instrumento musical, também «as competências científicas são igualmente indispensáveis, nomeadamente ter conhecimentos de História da Música, saber relacionar diferentes momentos históricos e estilos» (Costa, 2010: p.34), são e foram de extrema necessidade para implementação não só do projeto abraçado pelo Agrupamento como no quotidiano de qualquer instituição educativa, no âmbito do ensino-aprendizagem da educação musical.

Apresentamos seguidamente, de entre as diversas planificações elaboradas e lecionadas, a correspondente à aula lecionada no dia 20 de abril de 2015, bem como o resumo/reflexão da aula e alguns anexos utilizados na mesma.

Escola EB 2/3 Martim de Freitas	
 Agrupamento de Escolas Martim de Freitas Coimbra	Estágio em EEMEB PLANO DE AULA 2014/2015
Aula Nº49 Ano 5º A Data: 20.04.2015 Duração: 45 minutos 15h30 - 16h15	Professora Cooperante: Paula Rovira Professor Estagiário: Maike Calvão
Sumário: Recordação aos alunos das suas personagens a realizar. Apresentação e exploração do acordeão. Continuação da aprendizagem da canção “As quadras dos manjericos”.	

Conceitos e Conteúdos	Objetivos de Aprendizagem	Atividades e Estratégias	Recursos e Avaliação
Ritmo: Pulsação. Forma: Imitação. Timbre: Aerofone.	<ul style="list-style-type: none"> Identificação do instrumento acordeão. Identificação de diferentes géneros musicais. Desenvolvimento da concentração e da memorização. 	Recordação aos alunos das personagens que irão desempenhar na festa de final de ano. Apresentação aos alunos do instrumento acordeão e referenciação de curiosidades referentes ao instrumento. Execução de temas aleatórios por parte do aluno estagiário, no acordeão, para possibilitar aos alunos a perceção e identificação tímbrica do instrumento. Continuação da aprendizagem da canção iniciada na aula anterior. Experimentação do acordeão por parte dos alunos.	Recursos: Sistema de som Computador Videoprojector Acordeão Avaliação: Observação direta. Parâmetros Comportamentais / Atitudes: Interesse Participação Sociabilidade Responsabilidade Autonomia

Resumo/Reflexão do 5ºA de 20/04/2015

A aula de dia 20 de abril de 2015, teve início como é hábito, com o registo das faltas dos alunos e de materiais. Feitos os procedimentos habituais do início das aulas, foram novamente lembrados os “papéis” que cada aluno iria ter na apresentação final. É importante referir que foi nesta aula que aos alunos foram informados do valor que teriam de dispor para suportar os custos da confeção dos seus fatos.

Dadas as informações e esclarecidas algumas dúvidas que surgiram, foi apresentado aos alunos o acordeão. Feita uma pequena abordagem sobre o instrumento, foram tocados alguns temas de vários géneros que os alunos tiveram de identificar. Foi ainda mostrada aos alunos uma apresentação em PowerPoint com imagens do interior do instrumento. Também se falou sobre a diferença da concertina e do acordeão, explicando que a concertina é diatónica porque quando pressionado um botão ao abrir o fole, temos uma determinada nota musical e se fecharmos o fole temos outra nota. O que não acontece no acordeão cromático, sendo que ao abrir ou ao fechar do fole, pressionando o mesmo botão temos a mesma nota.

Depois da apresentação do instrumento foi dada continuidade ao ensino da canção “As quadras dos manjericos” (Vd. Anexo 3./b./ “Ópera Ligeira” – ‘Em busca de Santo António’/14. - DVD), ensaiada várias vezes e acompanhada com acordeão pelo professor estagiário.

No final da aula foram vários os alunos que permaneceram na sala para experimentarem o acordeão, conforme também se pode verificar através da Fig.17, representada de seguida nos anexos desta aula.

Anexos da aula do 5º A de 20/4/2015

 **As Quadras dos Manjericos** (Música e letra: José Carlos Godinho)

Animato

Gm A D Gm

1. Eu te-nho esta-do ca-la-do, Mas tam-bém an-gus-ti-a-do, Fa-ce'a es-ta con-fu-são!
 2. Há quem só li-gue'ao meu chei-ro, Mas ser voz do Mi-la-grei-ro É a mi-nha vo-ca-ção!

F Eb D

Sei que sou um Man-je-ri-co, Mas ca-la-do é que eu não Fi-co! Quero entrar na dis-cus-são!
 Po-dem-me cha-mar sim-pló-rio, Mas só vai ha-ver ca-só-rio Se me de-rem a-ten-ção!

Gm A D Gm

Por-que'a-fi-nal o que eu a-cho É que pa-ra dar des-pa-cho E'a-ca-bar o qui-pro-quo
 Que'a sin-gu-lar po-e-si-a, Que me che-ga por ma-gi-a, Traz men-sa-gens se-cu-lares!

Figura 17 – Partitura “As Quadras dos Manjericos”



Figura 18 - Alunos experienciam o acordeão

6.5. Prática Pedagógica 3º CEB

O 3º CEB foi sem dúvida um desafio, quer para o professor estagiário, para a professora cooperante, para a professora de educação especial e as auxiliares de ação educativa intervenientes nas aulas. Como foi referido na caracterização da turma, todos os alunos são considerados com NEE. Assim, as planificações para a turma foram preparadas tendo em atenção as limitações dos alunos, mas tendo sempre em atenção o que é exigido nas orientações curriculares para o 3º ciclo.

Os objetivos e atividades presentes nas planificações são apresentados em menor quantidade em relação aos restantes ciclos pela especificidade da turma. Em média, para a aprendizagem de um tema eram necessárias 3 a 4 aulas, daí as planificações poderem ser repetitivas em alguns aspetos. Os temas escolhidos deveriam ser simples ou submetidos a um arranjo musical de forma a haver uma sequência lógica e repetitiva (*Vd. Anexo 3./c./Canon - DVD e Vd. Anexo 3./c./Anzol – DVD*). Os instrumentos musicais distribuídos aos alunos deveriam ser adaptados consoante as suas capacidades, caso contrário, ou seja, o instrumento errado no aluno errado, poder-se-ia tornar num objeto perigoso.

Podemos apontar algumas situações que aconteceram várias vezes em contexto de aula: havia alunos que se recusavam a entrar na sala, alunos que recusavam os instrumentos musicais propostos, alunos que se levantavam sem pedir autorização e começavam a saltar na sala, alunos que durante a interpretação de um tema paravam de tocar sem apresentar qualquer motivo, interrupção de aulas por parte dos professores pelo facto de haver alunos que apresentaram má disposição e tiveram de ser imediatamente deitados na sala, apresentando sintomas “estranhos” e alunos que devidos aos seus problemas de saúde associados tinham comportamentos menos apropriados para o contexto da sala de aula.

Diversos alunos da turma não sabiam ler nem escrever e, nos temas em que era pedido para cantarem, era necessário repetir várias vezes quer a quadra quer o refrão até à sua memorização que, por vezes era curta, porém outros simplesmente não cantavam nem falavam desde o início ao fim da aula. Um dos alunos depois de ouvir o professor estagiário a tocar piano numa das aulas pediu para experimentar, começando



a vir para a aula mais cedo e sair mais tarde para ter a oportunidade de poder tocar piano.

Foram adotadas algumas estratégias durante as aulas como: sentar os alunos perto dos professores ou auxiliares de ação educativa, para estarem permanentemente sob vigilância; encostar os alunos o mais possível à mesa para não ser tão fácil estes levantarem-se de repente; motivar os alunos com alguns elogios; usar vocabulário acessível e explícito com frases simples e curtas; ajudar frequentemente os alunos a executar as atividades.

Os alunos gostavam particularmente quando o professor estagiário levava para as aulas instrumentos como o acordeão, a concertina e o cavaquinho.

Apresentamos seguidamente, de entre as diversas planificações elaboradas e lecionadas, a correspondente à aula lecionada no dia 26 de janeiro de 2015, bem como o resumo/reflexão da aula e alguns anexos utilizados na mesma. As restantes planificações podem ser consultadas em (*Vd. Anexos 1./c. - DVD*) e os resumos/reflexões respetivos em (*Vd. Anexos 2./c. - DVD*).

É possível visualizar a gravação do tema estudado com os alunos em ação em (*Vd. Anexo 4./a./c.3./ Canon de Pachelbel - DVD*).

<div>  <div> Agrupamento de Escolas Martim de Freitas Coimbra </div> </div> <div> Escola EB 2/3 Martim de Freitas Estágio em EEMEB PLANO DE AULA 2014/2015 </div> <div>  GOVERNO DE PORTUGAL </div> <div> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA </div>	
Aula Nº15 3º Ciclo Data: 26.01.2015 Duração: 50 minutos 11h30 - 12h10	Professora Cooperante: Paula Rovira Professor Estagiário: Maíke Calvão
Sumário: Continuação do estudo do tema Canon de Pachelbel. Gravação vídeo do tema.	

Conceitos e Conteúdos	Objetivos de Aprendizagem	Atividades e Estratégias	Recursos e Avaliação
Ritmo: Pulsação. Forna: Imitação. Timbre: Aerofones; Instrumentos de percussão; Instrumental Orff; Piano.	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolvimento da memorização auditiva. Trabalhar a memória para recordação do tema estudado e em estudo. Desenvolvimento da concentração e da atenção. Identificação da pulsação. 	<p>Recurso à memória auditiva para relembrar a música estudada nas aulas anteriores.</p> <p>Explicação e demonstração a cada aluno individualmente da sequência pretendida, repetindo-a várias vezes.</p> <p>Preparação dos alunos para a gravação vídeo do tema aprendido.</p> <p>Ajudar alunos a sentir e a marcar a pulsação.</p>	<p>Recursos: Máquina de filmar Piano Flauta de bisel Instrumental Orff Instrumentos de percussão</p> <p>Avaliação: Observação direta.</p> <p>Parâmetros Comportamentais / Atitudes: Interesse Participação Sociabilidade Responsabilidade Autonomia</p>

Resumo/Reflexão da aula do 3º ciclo de 26/01/2015

Pelas várias dificuldades dos alunos da turma em realizar esforços, antes de dar início à aula o professor estagiário colocou os instrumentos de percussão e os instrumentos *Orff* nos devidos lugares. A aula teve início alguns minutos depois do horário estabelecido. Este facto que é recorrente, tem a ver com a natureza dos alunos.

Dadas as características da turma que como foi dito era totalmente composta por alunos com NEE, a orientadora do mestrado solicitou que na aula de Música, estivessem sempre presentes, para além do estagiário, não apenas a professora cooperante e responsável pela turma, mas também a profissional responsável pela educação especial e ainda duas auxiliares de ação educativa, aspeto que muito veio ajudar a lecionação dos conteúdos propostos.

Um dos alunos da turma tinha por hábito entrar na sala alguns minutos antes do toque para a entrada, devido à influência exercida pelo estagiário no aluno que manifestou claramente o seu gosto pelo teclado e que já tocava conjuntamente. A experiência e a possibilidade de tocar e sentir a vibração do instrumento foi importante e motivante para o aluno.

Nesta aula ocorreu a integração de um novo elemento na turma, uma aluna com *síndrome de Down*.

A aula iniciou e incidiu com o relembrar a cada aluno, de forma individual, a sequência melódica e rítmica que cada um deveria tentar executar no instrumento que lhe tinha sido proposto tocar. Um dos objetivos era que através da simples sequência referida, a concentração dos alunos fosse estimulada e que iniciassem primeiro a tocar os instrumentos de percussão, seguindo-se o teclado (tocado pelo professor estagiário), e depois a entrada de instrumental *Orff* e, por fim, a flauta (tocada pela professora cooperante).

As auxiliares de ação educativa e a orientadora do mestrado da ESEC, tiveram um papel ativo, ajudando os alunos a manterem a pulsação desejada para o tema que estava a ser trabalhado, um Cânone. Durante parte da aula, uma aluna que sempre recusara aceitar qualquer instrumento proposto, acabou por aceitar um sugerido por um colega, de tal forma ficou ansiosa por também integrar o grupo. Foi a primeira vez que esta aluna se deu ao grupo e todos cooperaram. Quando estava a ser realizada a

gravação, um dos alunos parou de tocar, sem apresentar motivos, recusando-se a continuar a tocar o instrumento. A aluna que frequentou pela primeira vez a aula foi ajudada por um colega que se prontificou a exemplificar, sentando-se ao seu lado e realizando o ritmo para que ela pudesse imitar. A aula terminou 5 minutos mais cedo, como era normal, para que os alunos tivessem tempo de serem os primeiros a chegar ao refeitório, tendo em conta as suas características.



Figura 19 – Disposição dos instrumentos na sala



Figura 20 – Alunos com NEE

Anexos da aula do 3º Ciclo de 26/01/2015

Anexo 1 – Excerto da partitura Cànone

4 Canon Arr: Maíke Calvão

The musical score is for a piece titled 'Canon' by Maíke Calvão. It is arranged for a band consisting of two snare drums (S.Dr. 1 and S.Dr. 2), piano (Pno.), baritone saxophone (BX), bassoon (BM), soprano saxophone (SM), alto saxophone (SX), and flute (Fl.). The score is divided into two main sections: a 4-measure phrase and a 25-measure phrase. The 4-measure phrase is marked with a '4' and the 25-measure phrase is marked with a '25'. A repeat sign is placed at the end of the 25-measure phrase. The piano part features a complex, flowing melody in the right hand and a steady bass line in the left hand. The saxophone and flute parts provide harmonic support and melodic counterpoints to the piano and drums.

Figura 21 – Excerto do Cànone

6.6. Clube de Música

O estagiário participou também na preparação e lecionação de aulas em atividades extracurriculares concretizadas no Clube de Música (sob a orientação da professora cooperante), as quais decorreram à segunda feira, na sala de educação musical, entre as 15h30 e as 18h00.

Este clube estava aberto a todos os alunos do AEMF, independentemente do seu ano de escolaridade. No ano letivo 2014/2015, contou com um universo de 20 (vinte) alunos, sendo 18 (dezoito) alunos pertencentes ao 5ºano e 2 (dois) ao 6ºano.

Os objetivos do clube de música eram os seguintes: desenvolver as capacidades de compreensão da linguagem musical enquanto meio de comunicação de emoções; desenvolver a prática da audição musical consciente e crítica; dar a conhecer repertório diversificado ao nível da música erudita, ligeira e tradicional de várias partes do mundo; possibilitar a aprendizagem da técnica de execução de instrumentos musicais variados e incentivar o gosto pela música de conjunto organizada e orientada para a apresentação pública em espetáculos de escola.

As atividades desenvolvidas no clube de música incidiram sobre a prática de música de conjunto vocal e instrumental, o contacto com vários instrumentos e a apresentação pública em espetáculos dentro e fora da instituição.

No seguimento dos objetivos, os alunos puderam contactar com vários tipos de instrumentos musicais (aerofones, membranofones, idiofones, cordofones e eletrofones). Os alunos participaram na festa de Natal e na festa de final de ano letivo. Entre as atividades realizadas no Clube de Música, deve referir-se aquela que esteve diretamente ligada à conceção da ópera ligeira infantil “Em busca de Santo António”, levada á cena em junho de 2015.

Foi, pois, aqui que a escolha e seleção dos adereços para as duas festas realizadas, foi feita e também neste espaço foram ensaiadas as coreografias sugeridas aos alunos.



Figura 22 – Coreografia elaborada pelos alunos do CM



Figura 23 – Alunos do CM experienciam a concertina

CONCLUSÃO

Conclusão

A atividade profissional do professor na escola está socialmente subjacente à responsabilidade de garantir que todos os alunos usufruam de um conjunto de aprendizagens diversificadas. Para tal, todo o percurso formativo e educativo concretizados contemplou a aprendizagem de conhecimentos relevantes para o desempenho profissional do estagiário.

Na sociedade atual a profissão “*professor*” tem sofrido alterações consideráveis ao nível da prática educativa. O professor como orientador e facilitador de aprendizagens deve recorrer a métodos interativos, a aderir a novas tecnologias, a utilizar estratégias e métodos de intervenção tendo em conta os diferentes contextos sociais e escolares (Santo, 2013: p.27).

Vários foram os métodos utilizados para cativar e incentivar o gosto pela música nos alunos e ao mesmo tempo cumprir parte do programa curricular. Sabe-se que o desenvolvimento musical dos alunos também depende das oportunidades de interação com a música, do ambiente musical que o rodeia, da sua educação e da sua faixa etária. Assim, foram desenvolvidas atividades lúdicas com os alunos do primeiro ciclo, para que a sua participação nas aulas fosse produtiva para os seus saberes e motivadora do interesse para as aulas seguintes.

Ao caracterizar as diferentes faixas etárias dos alunos, diz-nos Costa (2010: p.46-47), que «a partir dos 10 anos, as criações musicais tornam-se mais elaboradas» e «no início da adolescência, as mudanças passam a respeitar os padrões de algum estilo específico, muitas vezes o pop ou o rock, géneros musicais, em que é possível estabelecer conexões com outros jovens». Nesta sequência, é de aceitar e tal veio a verificar-se claramente, que as crianças ao compreenderem a música como algo significativo na vida das pessoas e na sociedade, também a interpretam e expressam, de forma a refletir não só culturas atuais, mas outras formas e culturas, como se confirmou, por exemplo, através de todo um trabalho levado a cabo no 2º CEB.

Com efeito, podemos concluir que a experiência pedagógica “Em busca de Santo António” desenvolvida com o 2º CEB, para além da sua apresentação pública que também incluiu a apresentação das Marchas de Santo António, teve um sucesso

que ultrapassou as expectativas. O facto de também colocar em palco cerca de 150 alunos, não foi tarefa simples, bem como preparar os alunos para o cumprimento de todas as tarefas a isso inerentes. Mesmo a necessidade de lhes controlar a ansiedade já foi, por si só uma tarefa complexa. Mas tudo foi feito da melhor maneira, podendo afirmar-se que o ano letivo correu muito bem e foi enriquecedor para todos os intervenientes.

O terceiro ciclo foi sem dúvida o maior desafio durante todo o estágio. Para além da dificuldade e da abreviada formação dada ao estagiário no domínio da educação especial e da sua falta de experiência profissional e sobretudo por se tratar de uma turma completa de alunos com NEE, foi uma experiência única onde, mais do que ensinar também aprendeu diversas técnicas para motivar os alunos mais difíceis, quando estes se recusavam aprender ou mesmo fazer o que quer que fosse.

Dada a multiplicidade de deficiências e do reduzido conhecimento inicial sobre o assunto, os primeiros sentimentos do professor (e mais ainda de um estagiário no começo da sua iniciação profissional), são, na maioria das vezes, medos, incertezas e ansiedade (Souza, 2010: p.17). Acrescenta esta autora, apoiando-se em Reily (2004: p. 148), que «uma vez que a diferença ameaça a ordem, os estereótipos emergem justamente nesses momentos por ser essa a forma pela qual lidamos com as nossas instabilidades».

É do conhecimento comum que, durante muito tempo, as crianças portadoras de deficiências viviam à margem da sociedade, o que felizmente hoje não acontece, tendo conquistado o seu próprio espaço e reconhecimento.

O termo “deficiente” foi utilizado referindo-se a todas as pessoas que «Em diferentes épocas foram consideradas incapazes ou com capacidades limitadas, de natureza permanente ou transitória, por razões físicas, cognitivas, sensoriais, vocacionais, políticas e/ou económicas para o exercício pleno da cidadania» (Marquezan, 2010: p.464).

A inclusão escolar é uma realidade contemplada nas políticas nacionais e internacionais relativamente aos portadores com NEE. Também, quer a pedagogia tradicional quer a pedagogia inclusiva, possuem conceitos próprios de igualdade. Na primeira significa homogeneidade, uniformidade onde «a todos os alunos são propostas as mesmas atividades, as mesmas metodologias, a utilização dos mesmos

recursos didáticos e processos avaliativos. Já na pedagogia inclusiva, significa igualdade de direitos respeitando as diferenças e necessidades individuais de cada aluno» (Souza, 2010: p.16).

E foi através da pedagogia inclusiva que procurámos ao longo do estágio, com respeito e atenção pelas características de cada aluno, levar a todos o melhor conjunto de ensinamentos que lhes fosse possível obter e, sobretudo, criar neles o gosto pela prática e pela cultura musicais, objetivo que esperamos ter alcançado.

O estágio decorreu num espaço de aprendizagens e de construções significativas desenvolvidas, ao nível da orientação, do planeamento e da sua concretização prática.

BIBLIOGRAFIA, WEBGRAFIA E LEGISLAÇÃO

Bibliografia

- ALEGRIA, José Augusto (1985). O ensino e prática da música nas Sés de Portugal (da Reconquista aos fins do séc. XVI). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- BAPTISTA, Cláudio Roberto; ROSA, Cleonice & Colaboradores (2002). Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed.
- BARTHELÉMY, Catherine *et al.* (2000) *Descrição de Autismo*. Shattock, Paul (Coord.). International Association Autism - Europe. (Versão Portuguesa de Isabel Corttinelli Telmo. (Maio), Lisboa: Associação Portuguesa para Protecção aos Deficientes Autistas, pp. 1 - 13.
- BORGES, Nelson Correia (1987). *Coimbra e Região*. Lisboa: Editorial Presença.
- BRANCO, Salwa Castelo (2010). *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX L-P*. S.E.
- CARVAS MONTEIRO, Maria do Amparo (2012). “Da Música no Ensino e Nas Festividades Universitárias de Coimbra no Tempo de Camões”. *Camões e os Contemporâneos* (org. Maria do Céu Fraga, José Cândido de Oliveira Martins, João Amadeu Carvalho da Silva, Maria Madalena Teixeira da Silva & Manuel Ferro), Braga, CIEC/UA/UCP, pp. 485-511.
- CARVAS MONTEIRO, Maria do Amparo (2014). “Da Música na Educação”. *As Artes na Educação*. José Dantas Lima Pereira, Manuel Francisco Vieites & Marcelino de Sousa Lopes (Coord.). Chaves, Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, cap. VI, pp. 177-187.
- CORDEIRO, Graça Indias (2010). Salwa Castelo-Branco (Dir.). *Enciclopédia da música em Portugal no século XX*, L-P, pp.741-742.
- CORREIA, Miguel (2014). Autismo e atraso de desenvolvimento – Um estudo de Caso. Edição: Fundação ALORD.
- COSTA, Maria Manuela Isaías Afonso da (2010). *O Valor da Música na Educação na Perspetiva de Keith Swanwick*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Educação.
- DGIDC (2001). Orientações Curriculares 3º ciclo Ensino Básico. http://www.dgdc.minedu.pt/basico/Paginas/Programas_OrientacoesCurriculares_3EA.asp [acedido em fevereiro 2015].
- DICKENSON, D. & JOHNSON, M. (ed.) (1993). *Death, Dsing and Bereavement*. London: SAGE Publications.
- DRELVY-M. Educação. <http://www.drelvy.minedu.pt/legislacao/legislacao.asp> [acedido em abril 2015].

- FELIX, Pedro (2010). Salwa Castelo-Branco (Dir.). *Enciclopédia da música em Portugal no século XX*, L-P, pp.742-743.
- FREIRE, I. (2011) *A música como promotora de bem-estar psicológico na adolescência*. WEB: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4946> [acedido em dezembro 2014]
- GANHO, Maria de Lourdes Sergado (2007). *O essencial sobre Santo António de Lisboa*. 2.ª edição, Lisboa: IN-CM. [acedido em 20/4/2015]. Disponível: em: [file:///C:/Users/Asus/Downloads/O%20essencial%20sobre%20Santo%20António%20de%20Lisboa%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Asus/Downloads/O%20essencial%20sobre%20Santo%20António%20de%20Lisboa%20(2).pdf)
- GOULART, D. (2000) *Dalcroze, Kodály, Orff e Suzuki: Semelhanças, diferenças, especificidades*. Rio de Janeiro: Trabalho académico para a disciplina de Movimentos Pedagógicos I. WEB: [«scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:rpEGuzDu3fQJ:scholar.google.com/+dalcroze&hl=pt-PT&lr=langpt&as_sdt=0,5](http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:rpEGuzDu3fQJ:scholar.google.com/+dalcroze&hl=pt-PT&lr=langpt&as_sdt=0,5) [acedido em março 2015].
- GROUT & PALISTA (2007). *História da Música Ocidental*. Lisboa: grávida.
- HALLAM, Susan (1997). “The development of memorisation Strategies in musicians: implications for education”. *British Journal of Music Education*, nº 14, pp. 14, 87-97.
- HALLAM, Susan. (2012). “Psicologia da música na educação: o poder da música na aprendizagem”. *Revista da APEM*, nº 138 (Lisboa) pp. 30-33.
- JORGE, Ana Maria C. M. (2000). “Organização eclesialística do espaço”. Carlos Moreira Azevedo (org.). *História Religiosa de Portugal*, vol. I, pp. 157-201.
- JORGE, Ana Maria C. M. (2000). As instituições e o elemento humano. Carlos Moreira Azevedo (org.). *História Religiosa de Portugal*, vol. I, pp. 203-259.
- KENNEDY, Michael (1994). *Dicionário Oxford de Música*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- LEMONS, José Maria de Oliveira (2003). *A Freguesia de Santo António dos Olivais e a Vida do Santo Seu Oração*. Coimbra: S.E
- MARTINS, Ana Soledade Graeff; Preussler, Cíntia Medeiros & Zavaschi, Maria Lucrecia (2002). A Psiquiatria da infância e da adolescência e o autismo. Baptista, Cláudio Roberto; Rosa, Cleonice & Colaboradores (Org.). *Autismo e educação: Reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artmed, pp.40-49.
- MIRANDA, Maria Adelaide (1996). *A Iluminura de Santa Cruz no Mosteiro de Santo António*. Lisboa: Edições INAPA.
- NIELSE, Lee Brattland (1999). *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.

- NOGUEIRA, Joana (2014). “Oskar, o ouriço musical: projecto artístico em educação”. *As Artes na Educação*. José Dantas Lima Pereira, Manuel Francisco Vieites & Marcelino de Sousa Lopes (Coord.). Chaves, Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, pp. 277-282.
- NÓVOA, António (1991). *Profissão Professor*, Porto: Porto Editora.
- NÓVOA, António (1992). Formação de Professores e Profissão Docente. In: Nóvoa, A. (Ed.), *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 15-33.
- NÓVOA, António (2007). Os professores e as histórias da sua vida. In: Nóvoa, António *et al.* (org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto, pp. 13-30.
- OLIVEIRA, L. A. (2012). *Dissertação e Tese em Ciência e Tecnologia*. 2ª edição. Lisboa: Lidel-Edições Técnicas.
- READ, Herbert (1958). *A Educação pela Arte*. Tradução de Ana Maria Rabaça e Luís Filipe Silva Teixeira de ‘Education through Art’. Lisboa: Edições 70.
- REBOU, Olivier (1982). *O que é aprender*, Coimbra: Livraria Almedina.
- Santo António dos Olivais* (2012). Coimbra: Edição da Paróquia de Santo António dos Olivais de Coimbra.
- SANTO, Paula Cristina Laranjo (2013). *Ensino da Música e a Prática Pedagógica: do contributo da arte cénica e a História da Música*. Coimbra: ESEC.
- SANTOS, Isabel Maria Dâmaso de Azevedo Vaz dos (2014). *Do altar ao palco. Santo António a tradição literária, artística e teatral em Portugal e em Espanha*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Tese de Doutoramento.
- SERRÃO, Joel (1975). *Dicionário de História de Portugal*. Vol. I/A-C. Mirandela: Iniciativas Editoriais.
- SILVA, P. (2012) *A música como veículo promotor de ensino e aprendizagens*. WEB: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/1520/1/DissertMestradoPaulaCristinaViveirosSilva2012.pdf> [acedido em março 2013].
- SIMÕES, A. (2012) *As Emoções ao compasso da música: um olhar sobre a influência da música na resposta emocional*. Web: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8076/1/ulfpie043069_tm.pdf [acedido a junho 2015].
- SOUSA, Alberto Barros (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação, 1.º volume: Bases Psicopedagógicas*, Lisboa: Instituto Piaget.
- SOUSA, Maria do Rosário Morais Pinto da Mota Ribeiro de (2008). *Educação Artística e Interculturalidade. A Alma da Arte na Descoberta do Outro*. Rio Tinto: Lugar da Palavra Editora. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, Especialidade em Educação Intercultural.

- SOUZA, Catarina Shim Lima de (2010). *Música e Inclusão: necessidades educacionais especiais ou necessidades profissionais especiais?* Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- SOUZA, E. (2011) *As emoções e o ensino da música*. WEB: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7805/1/2011_EliasCairesSouza.pdf [acedido em abril 2015].
- SWANWICK, K. (1979). *A basis for Music Education*. Routledge: London.
- SWANWICK, K. (1999). *Ensinar Música Musicalmente. Música como cultura: o espaço intermédio*. Conferência apresentada no Seminário Estudo Comparativo de Metodologias de Educação Musical (abril) – Abordagens Temáticas. *International Journal of Music Education*, 4-11.
- SWANWICK, K. (2006). *Música, pensamiento y educación*, Madrid: Ediciones Morata.
- TORRES, Rosa (1998). *As Canções Tradicionais Portuguesas no Ensino da Música – Contribuições da Metodologia de Zoltán Kodály*. Lisboa: Editorial Caminho.
- UNESCO. Declaração de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> [acedido entre setembro e outubro 2015].
- VASCONCELOS, José Leite de (1958-60). *Romanceiro Português*, 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- VASCONCELOS, José Leite de (1975). *Cancioneiro popular português*, 3 vols. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- WILLEMS, Edgar (1970). *As Bases Psicológicas da Educação Musical*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- ZABALZA, M. (1994). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Porto: Editora Asa.

Webgrafia

<http://www.meloteca.com/dicionario-musica.htm#m> [acedido em abril de 2015].

<http://www.melomanos.com/la-musica/formas-musicales/marcha/> [acedido em abril 2015].

http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=602500 [acedido em maio 2015]

<http://www.oribatejo.pt/2013/06/13/breve-historia-das-marchas-populares/> [acedido em maio 2015].

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2013). Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/est%C3%A1gio> [acedido em julho 2015].

<http://www.festasdelisboa.com/marchas-populares/> [acedido em setembro 2015].

<http://www.dgidec.minedu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=52> [acedido em setembro 2015].

http://www.agrupamentomartimdefreitas.com/downloads/DOCUMENTOS/Projeto_Educativo1316.pdf [acedido em outubro 2015].

http://www.agrupamentomartimdefreitas.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=17:caraterizacao-geral-do-agrupamento&catid=24 [acedido em outubro 2015].

Legislação

Leis

Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro

Lei n.º 85/2009, de 27 de agosto

Lei n.º 21/2008, 12 de maio

Lei n.º 49/2005, de 31 de agosto

Lei n.º 115/97, de 19 de setembro

Lei n.º 46/86, de 14 de outubro

Lei n.º 9/79, de 19 de março

Decretos-Lei

Decreto-Lei n.º 91/2013, de 10 de julho

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Decreto-Lei n.º 137/2012, 2 de julho

Decreto-Lei n.º 41/2012, de 21 de fevereiro

Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro

Decreto-Lei n.º 553/80, de 21 de novembro

Despachos

Despacho n.º 13981/2012, de 26 de outubro

Despacho n.º 12566/2012, de 26 de setembro

Decretos normativos

Despacho normativo n.º 24/2012, de 26 de outubro

Despacho normativo n.º 24-A/2012, de 6 de dezembro

Despacho Regulamentar

Decreto regulamentar n.º 26/2012, de 21 de fevereiro

ANEXOS

Anexo I – Arranjo “Canon” Johann Pachelbel

Canon

Original: Johann Pachelbel
Arranjo: Maike Calvão
3º Ciclo - 2014/2015

♩ = 80

2

Canon

Arrj: Maike Calvão

S.Dr. 1

S.Dr. 2

Pno.

BX

BM

SM

SX

Fl.

Canon 3
Arrj: Maíke Calvão

S.Dr. 1

S.Dr. 2

Pno.

BX

BM

SM

SX

Fl.

4 Canon Arrj: Maíke Calvão

S.Dr. 1

S.Dr. 2

Pno.

BX

BM

SM

SX

Fl.

Canon Arrj: Maike Calvão ⁵

S.Dr. 1

S.Dr. 2

Pno.

BX

BM

SM

SX

Fl.

6 Canon Arrj: Maike Calvão

S.Dr. 1

S.Dr. 2

Pno.

BX

BM

SM

SX

Fl.

Anexo II – Partituras da Ópera Ligeira: Em busca de Santo António

ÓPERA LIGEIRA: Em busca de Santo António



Abertura: Sinos do Mosteiro *(Música: José Carlos Godinho)*

A entrada dos instrumentos é sucessiva e cumulativa.

Tranquillo

Musical score for the Abertura: Sinos do Mosteiro, featuring three staves (M, FI, JS) in 2/4 time, marked Tranquillo.



Noivas e Noivos de Santo António *(Música e letra: José Carlos Godinho)*

Animato

Musical score for Noivas e Noivos de Santo António, featuring a single staff in 2/4 time, marked Animato. Chords: A, Dm, G7, C, E♭dim, Dm, G7, C, Cm.

1. So-mos noi - vos de San-to'An-tô - nio! Prô - ma - tri - mô-nio a-qui va-mos a mar-char!
 2. Pra Lis-bo - a a estra-dalê bo - a E'o San-to'An-tô-nio vai lá estar pra me ca - sar!
 3. So-mos noi - vos de San-to'An-tô - nio! Prô - ma - tri - mô-nio a-qui va-mos a mar-char!
 4. Pa - ra Pá - dus a estra-dalê ár - dua Mas San-to'An-tô-nio vai lá estar pra me ca - sar!

Musical score for Noivas e Noivos de Santo António, featuring a single staff in 2/4 time. Chords: Cm, Fm, Cm, G7, Cm.

1. Prô - ma-tri-mô - nio, Que'o San-to'An - tô - nio nos vai ca - sar!
 2. Prô - ma-tri-mô - nio, Que'o San-to'An - tô - nio nos vai ca - sar!

Musical score for Noivas e Noivos de Santo António, featuring a single staff in 2/4 time. Chords: Fm, Cm, G7, Cm.

E a Sar-di - nha É a ma - dri-nha des-ta mar-cha po-pu - lar.
 E'o Ja-quin-zi - nho É o pa - dri-nho des-ta mar-cha po-pu - lar.

Musical score for Noivas e Noivos de Santo António, featuring a single staff in 2/4 time. Chords: Cm, Fm, G7, Cm.

1. San-to'An - tô - nio, meu a - mi - go, Co - mo tu não há i - guai!
 2. San-to'An - tô - nio, mi - la - grei - ro, San-to'An-tô-nio, meu ir - mão,
 3. Já an - do'a so-nhar com e - la, San-to'An-tô-nio, meu ir - mão!

Musical score for Noivas e Noivos de Santo António, featuring a single staff in 2/4 time. Chords: A♭, Ddim, G7, Cm, G7, C.

Dá-me lá um bom ma - ri - do, Dá-me lá um bom ma - ri - do, Que'eu já te-nho'o en-xo - vai!
 Eu dá-va-te'o mundo'n-tei - ro, Eu dá-va-te'o mundo'n-tei-ro! A - qui tens meu co-ra - ção!
 Dá-me lá u - ma don-ze - la, Dá-me lá u - ma don-ze-la! Estou mor-rer - do de sai - xão!

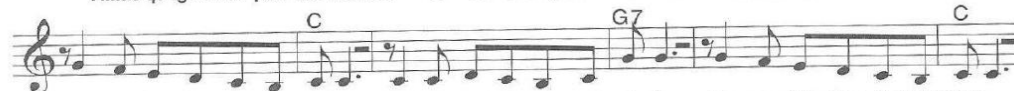


É de Pádua ou de Lisboa? (Música e letra: José Carlos Godinho)

Arrogante



1. Sem que-rer ser a - tre - vi - do, Ve-nho'a-qui pa-ra'in-for-mar Que se quer a - char ma - ri - do,
2. Vou di - zer-lhe com cui - da - do, Que'eu não que-ro que lhe do-a: Vo-cê está e - qui - vo - ca - do!
3. Eu cá pos-so ser cam-pô-nio, Mas não vou marchar à to-a! Se'è de Pá-dua San-to'An-tô - nio,
4. Mas qual Pá-dua, qual I - tá-lia?! Es - sa pla - ca não está bo-a! Já di - zi - a'a gran-de'A-má-lia:
5. Ô Fa - ne - ca, que'êstei - mo - sa E'eu já estou des - nor - te - a - do! Fi-ca'a marcha pe - sa - ro - sa!
6. Ô Ca - chu - cho de mã - ra - ça, Eu tam-bém já estousem norte! An-da'a marcha já sem gra-ça!
7. Mas que gran-de pan-de-mônio! A ca - be - ça se'a-tor-do-a! Já não seise'o San-to'An-tô - nio



Pa - ra Pá - dua de - ve'an - dar!
San-to'An-tô - nio'è de Lis - bo-a!
Pa - ra quê ir pra Lis - bo-a?!
San-to'An-tô - nio'è de Lis - bo-a!
Tris - te si - na, tris - te fa-do!
Tris - te vi - da, tris - te sor-te!
É de Pádua'ou de Lis - bo-a!
Que se quer a - char ma - ri - do,
Vo - cê está e - qui - vo - ca - do!
Se'è de Pá-dua San-to'An-tô - nio,
Já di - zi - a'a gran-de'A-má-lia:
Fi-ca'a marcha pe - sa - ro - sa!
An-da'a marcha já sem gra-ça!
Já não sei se'o San-to'An-tô - nio
Pa - ra Pá - dua de - ve'an - dar!
San-to'An-tô - nio'è de Lis - bo-a!
Pa - ra quê ir pra Lis - bo-a?!
San-to'An-tô - nio'è de Lis - bo-a!
Tris - te si - na, tris - te fa-do!
Tris - te vi - da, tris - te sor-te!
É de Pádua'ou de Lis - bo-a!



Por favor, Levante o Braço! (Música e letra: José Carlos Godinho)

Deciso



1. Pra sa - ir des-te'em - ba - ra - ço, Vou a - brir as ins - cri - ções.
2. A i - dei - a'è esta - pa - fúr - dia, Mas vou ter de'en - go - lir sa - pos!



Por fa - vor, le - van - te'o bra - ço Quem ti - ver in - for - ma - ções!
Se fi - car nes - ta bal - búr - dia, Estou a - qui, estou aos so - pa - pos!



As Ferreirinhas em Lisboa e Coimbra

Delicato



1. Em Lis - bo - a, sé - culo tre - ze, San-to'An - tô - nio foi nas - cer
2. E - ra ri - co, com cer - te - za, Mas sen - tiu o cha - ma - men - to!
3. De Lis - bo - a ba - teu a - sas Pra Co - im - bra, San - ta Cruz.
4. O seu no - me'a - ra Fer - nan - do, Mas pra ser an - ti - de - mó - nio,



Em fa - mí - lia da no - bre - za Com bra - são e com po - der,
Des - po - jou - se da ri - que - za E par - tiu pa - ra'o con - ven - to.
Do bra - são, res - ta - ram bra - sas No seu pei - to'ar - den - te'em luz.
No con - ven - to'eis se - não quan - do, Pre - fe - riu ser Frei An - tô - nio!



Ah ah! Ah ah! As Ferrei - ri - nhas! Pa - re - cem mi - nhas as pa - la - vras que'es - cu - tei!



Ah ah! Ah ah! As Ferrei - ri - nhas! Ai, vão fi - car so - zinhas Não se ca - sam que'eubem sei!



Lulas e Chocos em Marrocos *(Música e letra: José Carlos Godinho)*

Con moto

1. Res - tos mor - tais, che - ga - dos de al - to - mar, De cin - co fra - des que an - da - vam a pre - gar
 2. De - ci - de - en - tão par - tir pra lá tam - bém, Dei - xar Co - im - bra e a vi - da que lá tem,
 3. O São Fran - cis - co foi ins - pi - ra - ção, Pra San - to'An - tó - nio to - mar a de - ci - são!
 4. Estamum con - ven - to fe - cha - do em o - ra - ção, Com - pre - en - deu não ser su - a mis - são.

Lá em Mar - ro - cos, on - de há pou - cos que lá vão! E San - to'An - tó - nio sen - te a dor no co - ra - ção!
 Dei - xar a ce - la que o pro - te - ge em San - ta Cruz, Pas - sar a ser um fran - cis - ca - no de ca - puz!
 Me - teu - se à es - tra - da, sem ter na - da nem nin - guém! Foi pra Mar - ro - cos, sem ter tro - cos nem vin - têm!
 E des - ta vez, vai ver se em Fez a fé flo - resce! E por - que não dar um ser - mão em Mar - ra - que - xe?

O San - to'An - tó - nio se fez ao mar - E foi pra ter - ras - de A - lá e de a - lém - mar. -

O San - to'An - tó - nio foi pra Mar - ro - cos. Pa - la - vra de hon - ra de Lu - las e Cho - cos!



As Raias Uno, Due, Tre e Quattro *(Música e letra: José Carlos Godinho)*

Leggiero

1. Al - to lá, nós te - mos mais in - for - ma - ções: Em Mar - ro - cos, San - to'An - tó - nio não fi - cou!
 2. A do - en - ça e - ra tão gra - ve que o bri - gou A fi - car den - tro do bar - co e re - gres - sar.
 3. Na I - tá - lia, sem de - mo - ra foi pre - gar E a tra - ba - lhos bem hu - mil - des se en - tre - gou!
 4. Eram tan - tas e tão grandes mul - ti - dões, Que as ca - pe - las não po - di - am al - ber - gar!

Na vi - a - gem te - ve tais com - pli - ca - ções, Que a che - ga - da, nem se - quer de - sem - bar - cou!
 Des - ta vez a tem - pes - ta - de o des - vi - ou E o na - vi - o à I - tá - lia foi pa - rar!
 E de - pres - sa co - me - çou a con - quis - tar To - do o po - vo a quem e - le tan - to a - mou.
 Pe - los campos foi fa - zer os seus ser - mões A quem vi - nha pa - ra o ver e es - cu - tar.

So - mos as Rai - as u - no, du - e, tre e quat - tro! À be - la' I - tá - lia o vimos che - gar!

Somos as Rai - as u - no, du - e, tre e quat - tro! À be - la' I - tá - lia San - to'An - tó - nio vimos che - gar!



Os Sargos em Itália *(Música e letra: José Carlos Godinho)*

Nostalgico

1. O São Fran - cis - co, ir - mão do lo - bo, Tão en - can - ta - do, o'en-car-re - gou
 2. De'ir en - si - nar em l - tá - lia'e Fran-ça E San-to'An - tó - nio por lá an - dou.
 3. Gre - gó - rio nó - no, Pa - pa de'en - tão, Seu pre - ga - dor o no-me - ou.
 4. Chamou-lhe «Ar - ca da A - li - an - ça» Quan-do'ao ou - vi - lo, se'e-mo - cio - nou.
 5. Em mil, du - zen - tos e trin - ta'e um, Tre - ze de Ju - nho, e - le mor - reu.
 6. A - go-ra'em Pá-dua está se - pul - ta - do E lá re - pou-sam os res-tos seus.

Na be-la'l - tá-li-a, li - ô, na be-la'l - tá-li-a, li - ô, Na be-la'l - tá - lia, San-to'An - tó-nio'an-dou, an - dou.
 Na be-la'l - tá-li-a, li - ô, na be-la'l - tá-li-a, li - ô. Nós so-mos Sargos e'u - ma gar - ça nos con - tou.



Eu não Quero Um Santo Morto! *(Música e letra: José Carlos Godinho)*

Arrogante

1. O - ra to-ma lá, Ga - rou-pa! To-ma lá que é pra prende-res! Eubem dis-se que'e - ra Pá-dua!
 2. Ah, Chi-charro, que me'e-ner-vas! O teupasso'é que vai tor-to! Pa-ra quê ir pa - ra Pá-dua?
 3. Mas que tris-te si - tua-ção! Lá se vai o ma - tri-mó-nio! Eunão vejo'a so - lu - ção
 4. Ó meu ri - co San-to'An-tó-nio, Que fa-zer pra estar con-ti-go? An-da cá, ó San-to'An-tó - nio,

O me-lhor é in - ver - te-res! Eubem dis-se que'e - ra Pá-dua! O me-lhor é in - ver - te-res!
 Eu não que-ro um san - to mor-to! Pa-ra quê ir pa - ra Pá-dua? Eunão que-ro um san - to mor-to!
 E não ve - jo'o San-to'An-tó-nio! Eunão ve-jo'a so - lu - ção E não ve - jo'o San-to'An-tó-nio!
 An-da cá fa - lar co - mi-go! An-da cá, ó San-to'An-tó-nio, An-da cá fa - lar co - mi-go!



Vir aqui Falar Comigo... *(Música e letra: José Carlos Godinho)*

Nostalgico

Vir a - qui fa - lar co - mi - go!... Que fe - liz re - cor - da-ção!...

Quan-do'o San-to'An - tó - nio'a - mi - go, Deu aos pei - xes um ser-mão!...



Sermão aos Peixes *(Música e letra: José Carlos Godinho)*

Passionato

Que ma - ra - vi-lha! Que re-cor-da - ção! Da-que - le di - a guar-do'a e - mo - ção!
 Fa - las-te'aos pei-xes! Que lin-do ser - mão! Ai, San-to'An - tó - nio, cha-mas-te-me'ir - mão!
 E tam-bém lem-bro ver-te'a-con-che - gar, Num tal De - zembro, pa - ra'o em-ba - lares!
 Não foi e - fei-to, nem fal - ta de luz! Ti-nhas ao pei-to, Me - ni - no Je - sus!



Sardinha na Brasa (Música e letra: José Carlos Godinho)

Con sentimento

1. Eu sou a Sar - di - nha, E é si - na mi - nha Ser sa - cri - fi - ca - da! Em no - me do San - to, Por - tu - do - o que é
 2. Fa - lan - do ver - da - de, não é que me - a - gra - de Sertão di - zi - ma - da E ver - me na bra - sa, Na ru - a ou em
 3. Eusou Ja - quin - zi - nho Ser - vi - do com vi - nho, Ar - roz e sa - la - da! Eu fi - co tão lou - ca De ra - bo na

can - to, Há sar - di - nha as - sa - da! De no - te e de di - a, É tal a ra - zi - a Em tem - pos de Verão!
 ca - sa, Com pão e sa - la - da! É tal o ca - ri - nho Por Santo An - to - ni - nho, Que eu per - co - a ra - zão!
 bo - ca! Meu no - me é Pes - ca - da! Vi - rei pa - ta - nis - ca, Que o po - vo pe - tis - ca! Sou Go - mes de Sá!

Mas por San - to An - tó - nio, Eu ven - ço o De - mó - nio E dou meu per - dão!
 E no so - ls - ti - cio, É sem sa - cri - fi - cio Que eu pin - go no pão!
 E na cal - dei - ra - da, Eu vou de mão da - da Com tu - do o que há!

No pra - to ou não, San - to An - tó - nio, És meu ir - mão, San - to An - tó - nio!
 No pra - to ou não, San - to An - tó - nio, És meu ir - mão, San - to An - tó - nio!

Por is - so eu di - go que an - das co - mi - go Por on - de eu an - dar!
 Por is - so eu di - go que vi - ves co - mi - go Nas on - das do mar!



Ele É Santo e Eu Santola! (Música e letra: José Carlos Godinho)

Patetico

Ele é San - to! E - le é San - to! E - le é San - to e eu San - to - la! Se - le é San - to, está no céu E no mare está a San - to - la!

1. Não há San - to que se pre - ze Que não este - ja lá nos céus, Mu - to a - ci - ma das fa - lê - sias, Ou a - té dos Pi - re - néus!
 2. Nem Lis - bo - a, nem Mar - ro - cos! Nem em Pá - dua, nem no mar! Pa - ler - mices! É de lou - cos, Pois no céu e - le há de estar!

Sendo as - sim pa - re - ce óbvio E é pos - sí - vel con - clu - ir: Pa - ra ir ao San - to An - tó - nio Mu - to, mu - to há que su - bir!



As Quadras dos Manjericos (Música e letra: José Carlos Godinho)

Animato

1. Eu te-nho esta-do ca-la-do, Mas também an-gus-ti-a-do, Fa-ce'a es-ta con-fu-são!
 2. Há quem só li-gue'ao meu chei-ro, Mas ser voz do Mi-la-grei-ro É a mi-nha vo-ca-ção!

Sei que sou um Man-je-ri-co, Mas ca-la-do é que eu não Fi-co! Quero entrar na dis-cus-são!
 Po-dem-me cha-mar sim-pló-rio, Mas só vai ha-ver ca-só-rio Se me de-rem a-ten-ção!

Por-que'a-fi-nal o que eu a-cho É que pa-ra dar des-pa-cho E'a-ca-bar o qui-pro quo
 Que'a sin-gu-lar po-e-si-a, Que me che-ga por ma-gi-a, Traz men-sa-gens se-cu-lares!



Bem Juntinho ao Coração (Música e letra: José Carlos Godinho)

A leitura de cada frase deve ter a duração de cerca de 2 compassos.

Passionato

E de re-pen-te, mu-da'a si-tua-ção! À mi-nha fren-te, esta-va'a so-lu-ção!
 E no meu pei-to, lou-co de paí-xão, Ba-te sem jeí-to o meu co-ra-ção!



Marcha de Santo António (Música e letra: José Carlos Godinho)

Animato

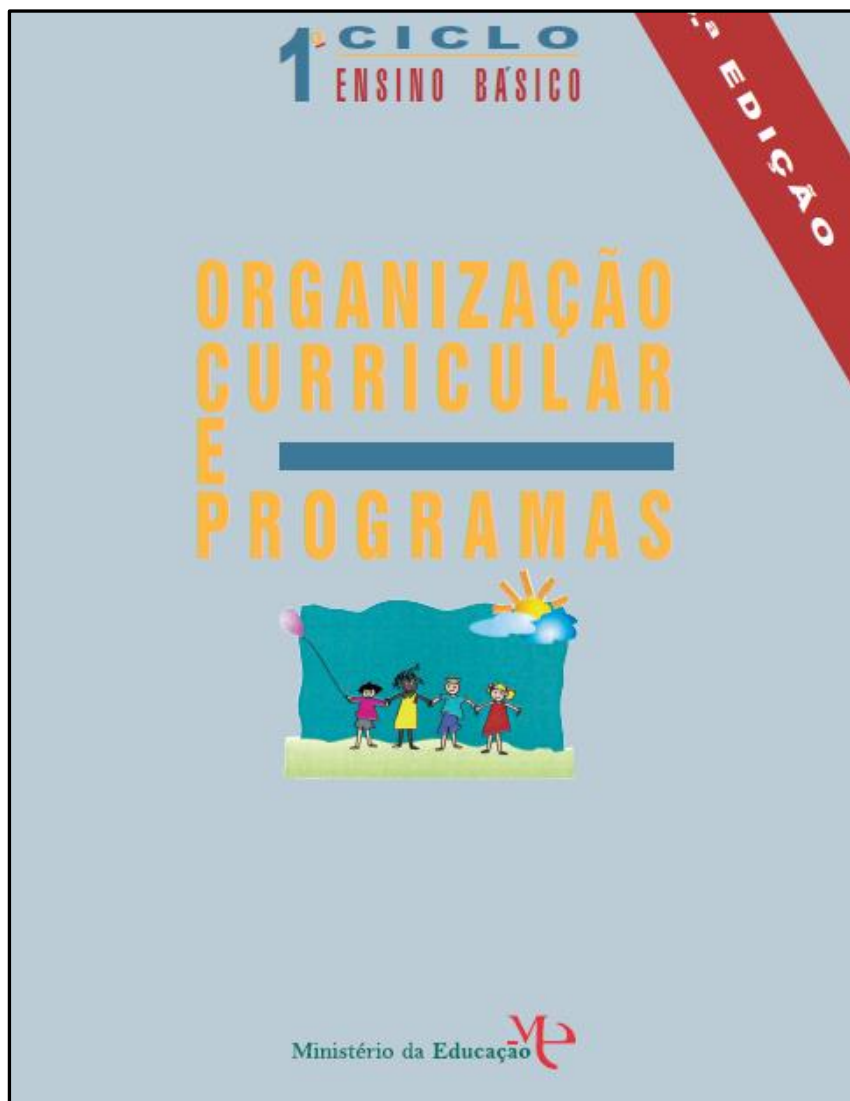
O - lh'a mar - cha do San-to'An-tó - nio! Que pan - de - mó-nio, To-da'a gen-te'o querrou - bar!
 Nem de Pá - dua, nem de Lis-bo - al! Se'o po-vo'en-to - a, é do po-vo'é po-pu - lar!

Prò Ma-tri-mó - nio, Que'o San-to'An - tó - nio Nos vai ca - sar!
 E to-ca'a ban - da - E'o po-vo man-da Nes-ta marcha po-pu - lar!

1. San-to'An - tó - nio, meu a - mi - go, San-to'An - tó - nio, meu ir - mão,
 2. San-to'An - tó - nio, meu a - mi - go, San-to'An - tó - nio, meu ir - mão,
 3. Es - ta mar - cha tem ma - ris - co, Pei - xes de to - da'a na - ção!
 4. Mas tão gran-de cal-dei - ra - da, Dá lu - gar à con - fu - são!

Co-mo'é bom an-dar con - ti - go, Co-mo'é bom an-dar con - ti - go, Com ar - qui-nho e ba - lão!
 Co-mo'é bom vi-ver con - ti - go, Co-mo'é bom vi-ver con - ti - go, Bem jun - ti-nho'ao co - ra - ção!
 Já di - zi-a'o São Fran-cis - co, Já di - zi-a'o São Fran-cis-co, Santo'An - tó - nio é nos-so'ir - mão!
 To-dos fa-zem pei-xei-ra - da, To-dos fa-zem pei-xei-ra-da, E nin-guém tem a ra - zão!

Anexo III – Organizações Curriculares, Programas, Competências e Metas de Aprendizagem

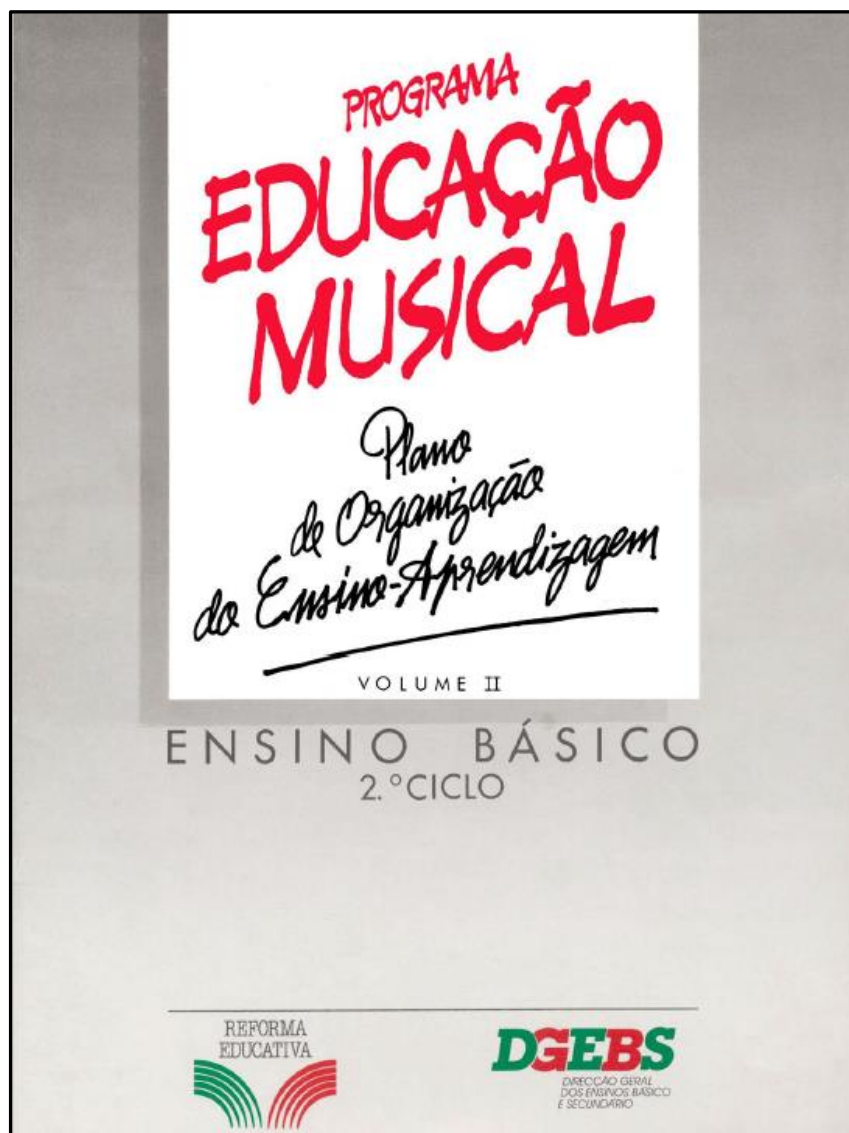


A Organização Curricular e Programas para o 1º Ciclo

pode ser consultado em:

<http://santigomaior.drealentejo.pt/site/programas/ocp1c>

ou (Vd. Anexo 7. – DVD)

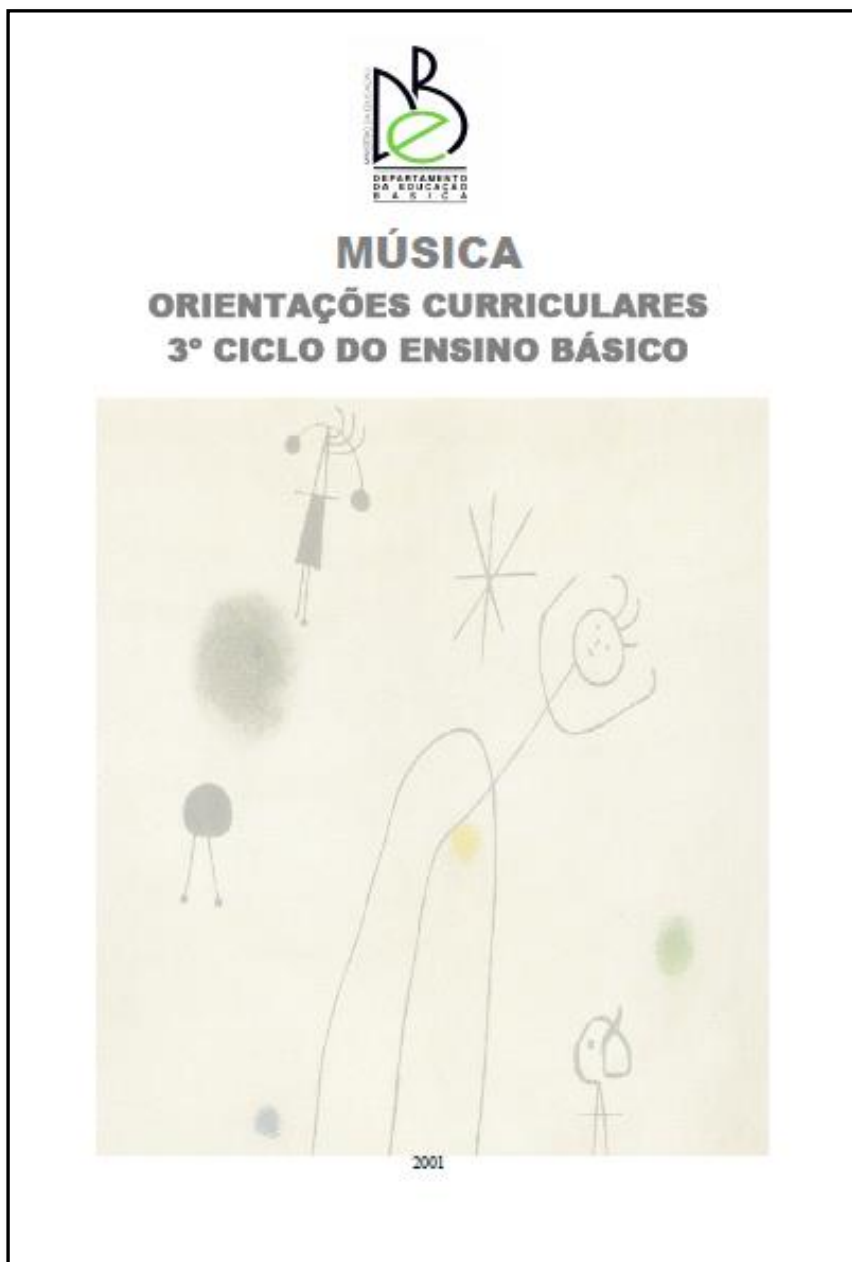


As Orientações Curriculares – Música – para 2º Ciclo podem ser

Consultadas em

http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/wp-content/uploads/2010/09/programa_EdMusical_2Ciclo.pdf

Ou (Vd. Anexo 7. – DVD)



As Orientações Curriculares – Música – para o 3º Ciclo podem ser

Consultadas em

<http://www.dgidec.minedu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=52>

Ou (Vd. Anexo 7. – DVD)

Anexo IV – Grelha de Avaliação



**Agrupamento de Escolas
Martim de Freitas**
Coimbra

Grelha de avaliação individual do aluno:

Grelha de avaliação					
Nome: _____		Ano: _____		Turma: _____	
Exercício: _____		Data: ____/____/____			
CrITÉrios	1	2	3	4	5
Domínio Rítmico					
Domínio Auditivo					
Domínio de Altura					
Domínio da Dinâmica					
Entoação					
Trabalho individual					
Trabalho em grupo					
Participação/interesse					
Assiduidade/Pontualidade					
Comportamento e atitude					
Autonomia					
Responsabilidade					
Postura na sala de aula					

Outras avaliações em (Vd. Anexo 5. – DVD)

Anexo V – Fotos da Apresentação Final

Vídeo da Apresentação Final em (Vd. Anexo 4./a./b.2. - DVD)



Anexo VI – Fotos com alunos do 3º Ciclo



Anexo VII – Índice de Anexos - DVD

1. Planificações

- a. 1º CEB
- b. 2º CEB
- c. 3º CEB

2. Relatórios

- a. 1º CEB
- b. 2º CEB
- c. 3º CEB

3. Atividades e Arranjos

- a. 1º CEB
- b. 2º CEB
- c. 3º CEB

4. Ficheiros Multimédia

- a. Vídeos
 - a.1. 1º CEB
 - b.2. 2º CEB
 - c.3. 3º CEB
 - d.4. Clube de Música
- b. Fotografias
 - a.1. 3º CEB
 - b.2. Clube de Música

5. Avaliações

- a. 1º CEB
- b. 2º CEB
- c. 3º CEB

6. PowerPoints das Apresentações

- a. Apresentação de Natal - Conservatório de Música de Coimbra
- b. Apresentação Final de Ano - Conservatório de Música de Coimbra

7. Orientações Curriculares

8. Projeto Educativo do AEMF